



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia

**Adaptação de imigrantes Portugueses em Angola: estatuto,
indispensabilidade funcional e estratégias de aculturação**

Ávany Pires França

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia das Relações Interculturais

Orientadora:

Doutora Rita Guerra, Investigadora Auxiliar,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro/2015



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia

**Adaptação de imigrantes Portugueses em Angola: estatuto,
indispensabilidade funcional e estratégias de aculturação**

Ávany Pires França

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia das Relações Interculturais

Orientadora:

Doutora Rita Guerra, Investigadora Auxiliar,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro/2015

Agradecimentos

Primeiramente à minha orientadora, Doutora Rita Guerra pela paciência, dedicação e pela competência em guiar esse trabalho com tanta primazia.

A todos os docentes do Iscte, que direta ou indiretamente foram parte de um todo nessa trajetória de minha vida nos estudos da Psicologia Social.

A todos os colegas, mesmo aos indiferentes, que de certa forma ao longo desses dois anos de mestrado contribuíram para a minha percepção acadêmica e para a dialética tão importante no meio acadêmico.

A todos os meus amigos e familiares, pelas palavras de incentivo e principalmente por respeitarem a minha falta de disponibilidade ao longo do processo de elaboração desta dissertação.

Por fim, o meu muito obrigado aos meus pais queridos, Vivaldo França e Rosinha Pires França, os primeiros mestres a me conduzir pelas estradas da vida. Sem vocês eu jamais teria chegado até aqui.

Resumo

A literatura sobre aculturação tem-se centrado maioritariamente na análise das estratégias de manutenção de cultura e/ou adoção da cultura de acolhimento, adotadas pelos imigrantes, assim como nas consequências psicossociais dessas estratégias para a sua adaptação. Estudos recentes salientam a importância de explorar novos fatores que possam influenciar essas escolhas e preferências. No presente estudo investigamos, de forma exploratória, o impacto da indispensabilidade funcional e do estatuto relativo no processo de aculturação e, consequentemente, na adaptação psicológica e sociocultural de emigrantes Portugueses em Angola, um dos principais destinos da nova configuração da emigração portuguesa. O estudo foi realizado com imigrantes Portugueses que vivem e/ou trabalham atualmente em Angola ($N=89$). Os participantes foram recrutados através de grupos de imigrantes no Facebook e preencheram um questionário online que continha as medidas de interesse. Contrariamente ao esperado, o estatuto relativo e a indispensabilidade funcional não influenciaram as estratégias de aculturação. No entanto, os resultados revelaram que a indispensabilidade funcional afetou negativamente a adaptação dos Portugueses em Angola. Concretamente, e contrariamente ao esperado, o efeito negativo da indispensabilidade funcional na adaptação e na satisfação com a vida deve-se, em parte, à distância social sentida pelos imigrantes Portugueses face à sociedade Angolana. Por fim, os resultados também demonstraram uma associação entre o nível educacional dos imigrantes Portugueses em Angola e a sua adaptação, revelando que, os mais escolarizados enfrentam mais dificuldades de adaptação que os menos escolarizados.

Palavras-chaves: Aculturação, Estatuto Relativo, Indispensabilidade Funcional, Contexto Colonial, Distância Social.

PsycINFO Codes:

3000 Psicologia Social

3020 Processos Grupais & Interpessoais

Abstract

The literature on acculturation has focused mainly on analyzing the strategies of culture maintenance and/or adoption of the host culture chosen by immigrants, as well as, the psychosocial consequences of these strategies for their adaptation. Recent studies have emphasized the importance of exploring new factors that might influence these choices and preferences. The present study investigated, using an exploratory approach, the impact of functional indispensability and relative status on acculturation preferences and consequently on the psychological and socio-cultural adaptation of Portuguese emigrants in Angola, one of the main destinations of the new configuration of Portuguese emigration. The study was conducted with Portuguese immigrants who live and/or work currently in Angola ($N = 89$). Participants were recruited through immigrant groups on Facebook and completed an online questionnaire containing the measures of interest. Contrary to our expectation, relative status and functional indispensability did not impact the acculturation preferences. However, results revealed that functional indispensability negatively affected the adaptation of Portuguese in Angola. Specifically, and contrary to our expectations, the negative effect of functional indispensability on adaptation and life satisfaction was partially due to the social distance felt by Portuguese immigrants towards the Angolan society. Finally, the results also demonstrated an association between the educational level of the Portuguese immigrants in Angola and its adaptation, revealing that the more educated face more difficulties in adapting than the less educated.

Keywords: Acculturation, relative status, functional indispensability, colonial context, social distance.

PsycINFO Codes:

3000 Social Psychology

3020 Group & Interpersonal Processes

Índice

Introdução		1
Capítulo I	Contextualização Histórica e o Processo Migratório Português	3
1.1	O Relacionamento Histórico entre Portugal e Angola	3
1.2	A Emigração Portuguesa	5
Capítulo II	Enquadramento Teórico	8
2.1	O Modelo Bidimensional da Aculturação	9
2.2	A Abordagem Interacionista da Aculturação	10
2.3	As Consequências das Estratégias da Aculturação e a Procura por Antecedentes	14
2.4	O Paradoxo da Integração	17
2.5	A Indispensabilidade como um Antecedente das Estratégias de Aculturação	19
2.6	O Presente Estudo	22
2.7	Hipóteses	23
Capítulo III	Método	24
3.1	Amostra	24
3.2	Procedimento	24
3.3	Medidas	25
3.3.1	Dados Demográficos	25
3.3.2	Identificação Endogrupal	25
3.3.3	Estatuto Relativo	25

3.3.4	Indispensabilidade Funcional do Endogrupo	26
3.3.5	Aculturação	26
3.3.6	Distância Social	27
3.3.7	Satisfação com a Vida	27
3.3.8	Adaptação Sociocultural	27
Capítulo IV	Resultados	28
4.1	Efeito da Escolaridade, Idade e Sexo	28
4.2	Indispensabilidade Funcional	31
4.3	Aculturação	31
4.4	Distância Social	32
4.5	Estatuto Relativo	32
4.6	Modelo de Mediação	32
4.6.1	Satisfação com a Vida	33
4.6.2	Adaptação Relacional	35
4.6.3	Adaptação Comportamental	37
Capítulo V	Discussão	38
5.1	Limitações e Conclusão	40
Bibliografia		43
Anexo A		48

Índice de Tabelas

Tabela 4.1	Correlações, Médias e Desvio-Padrão	30
Tabela 4.2	Modelo de Mediação para a Satisfação com a Vida	34
Tabela 4.3	Modelo de Mediação para a Adaptação Relacional	36
Tabela 4.4	Modelo de Mediação para a Adaptação Comportamental	37

Índice de Figuras

Figura 4.1	Modelo de Mediação	33
Figura 4.2	Modelo de Mediação: Satisfação com a Vida	35
Figura 4.3	Modelo de Mediação: Adaptação Relacional.	37

Glossário de Siglas

DESA	Departamento da ONU de Assuntos Econômicos e Sociais
IAM	Modelo Interativo de Aculturação
INE	Instituto Nacional de Estatística
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
OIM	Organização Internacional para as Migrações
ONU	Organização das Nações Unidas
SEF	Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
UE	União Europeia

Introdução

Segundo dados da ONU, atualmente cerca de 230 milhões de cidadãos vivem fora do seu contexto cultural. Além da marca histórica, as migrações também têm revelado padrões cada vez mais diversos e uma crescente mobilidade assimétrica com características peculiares, como, por exemplo, o crescimento na mobilidade de membros de países desenvolvidos, para países em desenvolvimento ou emergentes (e.g., Brasil, China). Igualmente relevante tem sido o crescimento dos fluxos migratórios na Ásia, que lidera hoje o maior crescimento de migrações internacionais, segundo dados do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU (DESA). De acordo com esses dados, entre os anos de 2000 e 2013, o crescimento anual no número de imigrantes no Continente Asiático (1,7 milhão), superou o fluxo no continente Europeu (1,3 milhão). Na Europa, a crise econômica dos últimos anos tem sido apontada como a principal responsável pela mobilidade crescente da população europeia. De fato, os elevados índices de desemprego em alguns países da Europa provocaram distorções consideráveis no roteiro migratório da última década, uma mobilidade que tem ultrapassado os limites do continente europeu.

Tomando Portugal como exemplo, o país ocupa atualmente o índice de maior taxa de população emigrada da União Europeia (UE) e o sexto país no número de emigrantes. De acordo com o relatório da Organização Internacional para as Migrações (OIM), além do roteiro tradicional (i.e., Reino Unido, França, Suíça), os Portugueses têm cada vez mais recorrido às ex-colônias como destinos migratórios. Estima-se que só na última década o crescimento migratório alcançou a marca de 42%, incluindo países como África do Sul, Moçambique e Angola, como principais destinos para os emigrantes Portugueses fora do eixo europeu. De fato, a crescente mobilidade internacional constitui um dos maiores desafios na esfera global e, a necessidade em se propor políticas e intervenções no sentido de promover relações intergrupais harmoniosas entre imigrantes e sociedade de acolhimento, minimizando dessa forma, os efeitos negativos provocados pelo fluxo pluralizado, tornou-se inevitável. Frente a esse desafio global, as investigações no âmbito da psicologia social também têm ganhado destaque, essencialmente na promoção de uma melhor compreensão das dinâmicas intergrupais resultantes do relacionamento entre diferentes grupos culturais, étnicos e

religiosos. A investigação tem revelado, por exemplo, que as diferentes reações às diferenças culturais dependem de uma multiplicidade de fatores, desde as ideologias políticas (Schwartz, Vignoles, Brown, & Zagefka, 2014), à percepção de ameaça à identidade nacional (Louis, Esses, & Lalonde, 2013), ou ainda, da percepção da competição por recursos (Esses, Brochu, & Dickson, 2012).

Diante de todas essas considerações, a presente dissertação de mestrado, procurou contribuir para a literatura das relações intergrupais em contextos migratórios, ao investigar de forma exploratória, os fatores que afetam o processo de aculturação e, conseqüentemente, a adaptação psicológica e sociocultural de emigrantes Portugueses em Angola.

Observa-se que, apesar do elevado número de estudos sobre aculturação e as suas conseqüências psicológicas, são escassos os trabalhos em psicologia social que têm em consideração fatores como o passado colonial, e, especificamente, de que forma um contexto migratório marcado por um passado de colonialismo, (i.e., que tem como característica principal, o fato de um país ser controlado por outro), pode influenciar o relacionamento atual entre uma sociedade de acolhimento e os seus imigrantes, e também as suas respectivas estratégias de aculturação e adaptação. Assim, nesta dissertação procuramos explorar se e de que forma, as alterações no estatuto socioeconômico dos Portugueses em relação ao contexto Angolano (i.e., percepção subjetiva de estatuto) podem afetar o processo de aculturação e as relações com a sociedade de acolhimento. Concretamente, se para os imigrantes Portugueses em Angola, a percepção de uma descontinuidade no estatuto do grupo, de historicamente dominante e com controle dos recursos, a um grupo numa posição menos favorável, a de imigrante em Angola, afeta a sua integração e adaptação na sociedade de acolhimento. Dado o perfil dos Portugueses que têm emigrado para Angola, na sua maioria, profissionais com escolaridade e competências profissionais elevadas, procuramos ainda explorar se o fato de se perceberem como indispensáveis ao funcionamento econômico e social de Angola (i.e., indispensabilidade funcional), pode influenciar as estratégias de aculturação adotadas neste contexto.

Capítulo I – Contextualização Histórica e o Processo Migratório Português

1.1 O Relacionamento Histórico entre Portugal e Angola

Historicamente, o relacionamento entre Portugal e Angola tem sido caracterizado por um intenso fluxo migratório bilateral, primeiramente de Portugal para Angola, e ao longo do tempo com movimentos provenientes dos dois lados.

Considerada uma região sem grandes atrativos, foi em meados do século XV, no reinado de D. João II, que se iniciaram as primeiras investidas Portuguesas na região Angolana. No entanto, nesse período Angola servia basicamente como rota e fornecimento de escravos para outras colônias Portuguesas (e.g., Brasil). Além do trabalho escravo nas plantações de cana-de-açúcar no Brasil, os Angolanos também eram enviados para suprir as mineradoras inglesas. Segundo Linhares (1981), um colonialismo marcado pela exploração de mão de obra de baixo custo e pelo racismo. É apenas no século XIX, dadas às mudanças sociais e a independência do Brasil, que os Portugueses centram-se em Angola. Momento esse, em que se observa o primeiro grande fluxo de imigrantes Portugueses a caminho do país, tendo como objetivo explorar principalmente, o mercado de diamantes Angolano, além de outros produtos para fins de exportação (e.g., cana-de-açúcar, café, milho).

Naturalmente delineado sobre a perspectiva da desigualdade social, o contexto colonial Angolano caracterizou-se pela competitividade e desconforto de grupos menos privilegiados, o que promoveu uma série de conflitos raciais (Peixoto, 2009). Na Angola do final da década de 1950, o crescente fluxo de imigrantes Portugueses realçou ainda mais estas diferenças sociais, uma vez que os agricultores Portugueses que chegavam à colônia tinham um estatuto superior aos Angolanos, simplesmente pelo tom claro da pele (Peixoto, 2009). Segundo a autora, apenas uma pequena minoria de Angolanos negros era dado o direito de assimilação, podendo assim, atuar em algumas esferas públicas de menor significância. Nessa altura, tanto os negros e mestiços, quanto os brancos de segunda (i.e., aqueles de pele branca nascidos em Angola), motivados pela privação de recursos, fomentaram os primeiros movimentos nacionalistas em busca da independência e contra a dominação Portuguesa.

Com um processo de independência complexo, além das questões políticas e econômicas, o país africano foi tomado pelo conflito eminente entre grupos étnicos, o que culminou na guerra Angolana que durou cerca de três décadas. As sequelas deixadas pela pressão do colonialismo e posteriormente pela guerra provocaram problemas estruturais em larga escala em Angola. Setores básicos como a agricultura e pecuária foram drasticamente prejudicados, provocando um difícil recomeço para a economia do país. O alto custo da extensiva guerra também afetou de forma robusta os cofres públicos, prejudicando o seu desenvolvimento e aumentando a miséria (Souza, Silva, Dillman, Guedes, & Leite, 2011). Durante os primeiros anos do pós-guerra, o país deixou de oferecer serviços básicos como educação e formação profissional, o que acarretou um empobrecimento da mão de obra profissional (Guide, 2007).

Diante dessa conjuntura, Portugal passou a ser o destino dos imigrantes Angolanos, uma diáspora recorrente entre membros de outras ex-colônias (e.g., Cabo Verde, Brasil). Entre os Angolanos, o êxodo na direção de Portugal teve basicamente motivações profissionais. Entre as décadas de 1980 e 1990 especificamente, observou-se um crescimento elevado de imigrantes Angolanos no país, geralmente profissionais com baixa escolaridade (Melo, 2004). Num momento em que Portugal apontava problemas de ordem demográfica, o fluxo migratório proveniente das ex-colônias foi essencial para apaziguar esse *déficit* (Sassen, 2002). No entanto, apesar do contributo dos Angolanos em Portugal, tanto de ordem econômica quanto social, esses imigrantes, especialmente os jovens, percepcionavam elevados níveis de discriminação (Ribeiro, Menezes, & Neto, 2010).

Por cerca de três décadas, o fluxo crescente de Angolanos em Portugal também trouxe benefícios relevantes para Angola. Primeiramente, por conta das remessas enviadas para o país de origem e, ainda, pela qualificação profissional e nível educacional conquistado por estes imigrantes. Durante esse período, Angola tornou-se uma das cinco comunidades de imigrantes mais significativas em Portugal. Porém, desde 2007, o número de Angolanos no país começou a decrescer substancialmente. Segundo dados do Serviço Estrangeiros e Fronteiras (SEF), entre os anos de 2007 e 2009 o número de imigrantes Angolanos em Portugal caiu de 33 para 26 mil. No entanto, se por um lado, o número de Angolanos em

Portugal mostrou sinal de queda nas últimas décadas, por outro, o número de Portugueses interessados em Angola aumentou massivamente desde 2013. Afinidades culturais e linguísticas, assim como os bons números da economia Angolana são os principais fatores que marcam o fenômeno da emigração Portuguesa para Angola.

1.2 A Emigração Portuguesa

Notoriamente, Portugal se apresenta como um país com grande histórico emigratório. No período colonial, a emigração Portuguesa era basicamente modelada pela presença das elites nas colônias. Perfil esse alterado na primeira metade do século XIX, quando, a exemplo do que ocorreu no Brasil, notou-se o fluxo crescente de imigrantes Portugueses de classes menos abastadas (e.g., pequenos proprietários rurais pobres oriundos do norte de Portugal). Com características de país pouco desenvolvido, durante boa parte do século XX, ao contrário da emigração, a imigração em Portugal pontuava discretamente. Os Portugueses por sua vez, apostavam na emigração para países como Alemanha, França e Suíça, na busca por melhores oportunidades de vida. Na década de 1960, por exemplo, a França recebeu um fluxo considerável de Portugueses, dado o impulso e a propagação da imigração legal no país, para suprir a carência da mão de obra pós Segunda Guerra Mundial.

O século XX também foi marcado pelo surgimento de importantes núcleos de comunidades Portuguesas em países como África do Sul e Austrália. Uma diáspora que provocou lacunas importantes em Portugal, nas primeiras décadas do século XXI, quando se observou um fluxo equiparado entre imigração e emigração. Uma mobilidade que surge em consequência da independência das ex-colônias (e.g., Moçambique, Guine Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Brasil). Cresce igualmente a migração Angolana em Portugal, configurada por motivações laborais (Machado, 1997). Segundo Vitorino (2007), esse é o momento em que Portugal se configura como uma importante porta tanto de entrada quanto de saída de imigrantes. O que não acontece aleatoriamente. A adesão à União Europeia (UE) na década de 1980 influenciou grandemente o fluxo migratório no país. Da mesma forma que a abertura das fronteiras propiciou o afluxo para outros países da UE, também promoveu a vinda de imigrantes europeus, especialmente de países do Leste Europeu (e.g., Ucrânia, Maldivia, Rússia, Polônia). Segundo dados do (INE - 2008), o crescimento econômico, assim

como a estabilidade político-militar em Portugal foram os principais responsáveis por atrair estes novos fluxos de imigrantes, que contribuíram significativamente para estabelecer um saldo migratório positivo (i.e., o número de imigrantes chegando ao país é superior ao da emigração).

É apenas na primeira década do século XXI e atenuados pela crise econômica mundial iniciada em 2008, que os números da imigração decrescem em Portugal. Dados do Relatório das Imigrações, Fronteira e Asilo do SEF (2013), revelaram um declínio de 13,7%, no número de documentos emitidos a estrangeiros em Portugal. Grande parte, imigrantes oriundos das ex-colônias que, estimulados pelo crescimento econômico em seus países, regressaram em grande número. Uma mobilidade que passou a atrair também os Portugueses. Vale salientar que, apesar dos países europeus continuarem entre os destinos migratórios preferidos entre os Portugueses (e.g., Suíça, Reino Unido, Espanha), se observou também o maior interesse pelas ex-colônias (e.g., Angola, Moçambique, Brasil). Em 2009, por exemplo, o periódico *Português Jornal de Notícias* publicou que, o número de imigrantes Portugueses legais em Angola era três vezes maior que o número de Angolanos em Portugal. Além deste reverso do fluxo migratório, o perfil dos imigrantes Portugueses em Angola também difere do perfil dos imigrantes Angolanos em Portugal. Ao contrário das elites coloniais do passado, os imigrantes Portugueses que desembarcam em Angola na atualidade, oscilam entre profissionais com elevada escolaridade e competências profissionais e outros tantos menos qualificados. Profissionais que diante da fragilizada situação econômica em Portugal, da escassez de empregos e da falta de uma perspectiva social positiva, recorrem a Angola na busca por melhores oportunidades profissionais, mesmo que em setores menos privilegiados, como a construção civil.

Do ponto de vista das especificidades, a emigração Portuguesa da atualidade também chama a atenção por destoar do que se verifica em outros países que aderiram à UE, nos quais nota-se a diminuição da emigração e não o contrário (Peixoto, 2004). Quanto às assimetrias do fluxo migratório, Portugal e Angola também exemplificam algumas das especificidades da mobilidade internacional da atualidade. Enquanto os imigrantes Angolanos que desembarcavam em Portugal, sobretudo no período pós-colonial, caracterizavam-se

essencialmente por uma mão de obra pouco qualificada, os imigrantes Portugueses que alargam as estatísticas em Angola na atualidade, têm, na sua maioria, elevadas competências educacionais. São profissionais com ampla experiência e nível superior, que para fugir da insistente crise econômica Portuguesa e dos altos índices de desemprego, vislumbram na ex-colônia a oportunidade de uma situação econômica mais estável. Outra característica peculiar no cenário contemporâneo das migrações se dá por Portugal figurar, juntamente com a Irlanda, como os países onde melhor se observa a chamada “fuga dos cérebros” (i.e., caracterizada pela emigração qualificada).

Tendo como parâmetro o relacionamento histórico entre Portugal e Angola esta dissertação procurou contribuir para a investigação recente sobre aculturação e adaptação de imigrantes, tendo em conta alguns aspectos pouco explorados na literatura: a) a especificidade do contexto Angolano enquanto ex-colônia que hoje figura como sociedade de acolhimento de uma percentagem crescente de imigrantes Portugueses, os seus antigos colonizadores; e b) a percepção que estes imigrantes, enquanto profissionais muito qualificados, podem ter do seu contributo para o funcionamento social e econômico da sociedade que os acolhe (i.e., indispensabilidade funcional). Perceber tais implicações, explorando novos fatores que podem afetar as escolhas de aculturação e as suas consequências, contribui para a inovação teórica no estudo da aculturação, e possibilitará ainda a criação de estratégias que melhor promovam o bem-estar e a melhor adaptação dos Portugueses no contexto Angolano.

Capítulo II - Enquadramento Teórico

Na atualidade, um dos focos principais das investigações acerca do tema migrações, tem sido a compreensão dos processos intergrupais e suas consequências no bem-estar daqueles que escolhem viver fora do seu contexto cultural. De fato, nas últimas cinco décadas, observou-se um crescimento dos estudos centrados na análise das consequências psicossociais do relacionamento entre o imigrante e a sociedade que o acolhe. Apesar dos processos migratórios serem um tema recorrente desde os primórdios, o termo aculturação ganhou importante destaque apenas no século XX. Porém, é importante salientar que, apesar do conceito ter ganhado destaque na psicologia social, os primeiros estudos sobre aculturação foram desenvolvidos inicialmente nas escolas de antropologia e sociologia. Um dos primeiros registros de que se tem notícia é datado do início do século XX, quando um grupo de estudiosos da Universidade de Chicago, explorou o processo de adaptação de imigrantes europeus nos Estados Unidos. Na perspectiva desses estudiosos, a aculturação explicava-se como um processo de mudanças que ocorre quando um indivíduo de uma determinada cultura entra em contato e compartilha o mesmo espaço geográfico com outro grupo (Organista, Marin, & Chun, 2010). Na década de 1930, por exemplo, em alguns estudos antropológicos, o conceito de aculturação passou a ser pontuado tanto na perspectiva individual (Thurnwald, 1932) quanto como um fenômeno grupal (Redfield, Linton, & Herskovits, 1936).

Uma das definições de aculturação mais consensuais na psicologia social foi proposta por Berry, como um processo de mudanças tanto culturais como psicológicas, que ocorrem durante a experiência de imigração, resultado do contato entre membros de diferentes grupos culturais (Berry, 2006). Inicialmente, os estudos sobre a aculturação concentravam-se em contextos migratórios vistos como tradicionais (i.e., Austrália, Canadá, Nova Zelândia, Estados Unidos). No entanto, fenômenos como a globalização têm provocado uma mudança significativa no comportamento migratório, assim como na direção das investigações acerca do tema. Um exemplo dessas mudanças parte da forma como a aculturação tem sido desenhada ao longo dos anos. A partir da década de 1920, o paradigma da assimilação figurou amplamente, partindo do pressuposto de que as minorias em contato com a sociedade de acolhimento adaptavam-se, rejeitando a sua própria cultura (Gordon, 1964). A chegada dos movimentos dos direitos civis, nos Estados Unidos, assim como a abertura de fronteiras nos

países europeus na segunda metade do século XX, provocou uma releitura na forma de se perceber o imigrante e conseqüentemente o seu processo adaptativo.

2.1 O Modelo Bidimensional da Aculturação

Termos como, diversidade e multiculturalismo passaram a frequentar as agendas governamentais, assim como naturalmente começaram a surgir, novos estudos e conceptualizações sobre o processo de aculturação. É exatamente nesse momento, que surgem as primeiras críticas ao modelo de assimilação e o aparecimento de novas teorias. Berry publica o modelo bidimensional de aculturação, com a proposta de explicar e prever as conseqüências na adaptação, o estresse proveniente do processo de aculturação, assim como aspectos da saúde física e bem-estar dos imigrantes (Berry, 1980, 1997). Na perspectiva do autor, a aculturação deve ser considerada como um processo que envolve ação e reação de ambos os grupos em contato e, antes mesmo de se explorar as conseqüências desse relacionamento intergrupar, é preciso voltar a atenção para as características de cada grupo isoladamente (Sam & Berry, 2010). Dessa forma, para uma melhor compreensão do processo de aculturação, Berry propõe, que se leve em consideração o contexto cultural de cada grupo (e.g., atitudes, normas culturais, costumes), assim como as motivações de contato intergrupar (e.g., imigração voluntária, involuntária). Na perspectiva do autor é também importante investigar as mudanças ocasionadas pelo contato em ambos os grupos, assim como as alterações de caráter psicológico que cada indivíduo pode experimentar durante o processo de aculturação. Tal poderá ser explicado “porque os indivíduos podem ter diferentes níveis de participação, assim como diferentes objetivos a atingir na situação de contato” (Berry, 2005, p.702). Todos esses fatores são importantes para se definir até que ponto os grupos em contato são compatíveis ou incompatíveis culturalmente e que conseqüências podem emergir da interação entre membros de ambos os grupos. O autor também enfatizou que a aculturação deve ser essencialmente observada tanto a nível grupal como individual. “Esse tipo de distinção é essencial, por que as mudanças geralmente ocorrem de formas diferentes nos dois níveis” (Berry, 1997, p.7).

Dessa forma, no intuito de compreender como grupos e indivíduos se aculturam, Berry propôs o modelo bidimensional de aculturação. O modelo postula que o processo da

aculturação envolve duas dimensões, que possuem entre si uma relação de ortogonalidade. A primeira dimensão (i.e., manutenção de cultura), refere-se às atitudes positivas ou negativas quanto à manutenção da sua própria cultura e identidade. Já a segunda (i.e., desejo de contato), reflete o desejo do indivíduo em ter contato ou não com a sociedade de acolhimento. O modelo também sugere quatro estratégias de aculturação que derivam da combinação entre as duas dimensões (i.e., integração, assimilação, separação, marginalização). A integração caracteriza-se como o resultado do desejo de contato com a sociedade de acolhimento e do desejo em manter a sua própria cultura. A assimilação é resultado do desejo de contato com a sociedade de acolhimento e da rejeição da própria cultura. Quando o imigrante opta por rejeitar o contato com a sociedade de acolhimento e retém a própria cultura, a estratégia é definida como a separação. A última, marginalização, caracteriza-se como o resultado da renúncia de ambos, a própria cultura e o desejo de contato com a sociedade de acolhimento. No entanto, apesar de ser um dos modelos mais respeitados na literatura da aculturação, o modelo bidimensional não deixou de ser criticado e desenvolvido. Uma das principais críticas prende-se com o fato do autor defender a estratégia de integração como sendo a que produz melhor adaptação por parte dos imigrantes, e a marginalização figurando no sentido oposto (Berry, 1999; Berry, Kim, Minde, & Mok, 1987; Liebkind, 2001). A preferência por integração está associada à possibilidade de suporte por parte do exogrupo, funcionando como uma espécie de proteção ao imigrante (Berry, 1997). No entanto, do ponto de vista crítico, se faz necessário levar em consideração que, grande parte dos estudos associados à aculturação e a adaptação foi realizado em contextos predominantemente multiculturais, o que naturalmente favorece a estratégia de integração.

2.2 A Abordagem Interacionista da Aculturação

Com efeito, as críticas ao pressuposto de que a integração seria a estratégia que melhor produz consequências positivas, propiciaram o aparecimento de novos modelos. Outro fator igualmente salientado por estudos posteriores ao modelo bidimensional centrou-se no fato do modelo apresentado por Berry, focar prioritariamente a perspectiva das escolhas do grupo minoritário, negligenciando assim, as preferências do grupo majoritário, ou seja, a perspectiva da sociedade de acolhimento. O que vem em desencontro até mesmo com as primeiras

conceptualizações sobre a aculturação, que definem o construto como um fenômeno que não acontece de forma isolada e sim por meio da interação entre grupos (Redfield et al., 1936). Esse foi o principal argumento dos estudos voltados para a abordagem interacionista (e.g., Bourhis, Moise, Perreault, & Senécal, 1997; Piontkowski, Rohmann, & Florack, 2002). O modelo interacionista ressalta a importância em se levar em consideração a interação entre as preferências de ambos os grupos (i.e., minoritário, majoritário), de forma a se observar a concordância ou não, na forma como os imigrantes desejam aculturar-se e como a sociedade de acolhimento deseja que eles se aculturem. De fato, essa perspectiva mais dinâmica em se observar o relacionamento intergrupar tem ganhado grande espaço nos estudos mais recentes. Assim, como a busca por especificidades na forma com que os grupos se relacionam. Nessa direção, Bourhis e colegas (1997), propuseram que o grupo majoritário, assim como o minoritário, também possui suas preferências de aculturação (i.e., integração, assimilação, separação, marginalização). Contradizendo o que foi proposto inicialmente nos estudos de Berry, que deposita na estratégia de integração a que promove melhores resultados, o Modelo Interativo de Aculturação (IAM), (Bourhis et al., 1997a), propõe que, os melhores resultados do relacionamento intergrupar surgem quando há um consenso entre as estratégias escolhidas por ambos os grupos. Quando esse *fit* ocorre, menor é a tensão entre grupos, assim como o nível de estresse e, conseqüentemente relações intergrupais mais positivas. Ainda focado no caráter dinâmico das relações intergrupais, alguns autores salientaram também, a importância do encaixe entre a preferência do endogrupo e a sua percepção sobre como o exogrupo espera que ele se aculture (Piontkowski et al., 2002).

Nesse raciocínio, as preferências do grupo majoritário, assim como a sua expectativa sobre como o grupo minoritário deve se aculturar, passaram a ser exploradas nas investigações sobre a aculturação, analisando, por exemplo, o efeito da percepção do grupo majoritário nas preferências de manutenção de cultura e contato adotada pelo grupo minoritário (Zagefka, Brown, Broquard, & Martin, 2007; Zagefka, González, & Brown, 2011). Neste último estudo, por exemplo, os resultados mostraram que os imigrantes (i.e., grupo minoritário) eram mais favoráveis à manutenção da sua cultura quando pensavam que o grupo majoritário (i.e., sociedade de acolhimento) também era favorável à manutenção da cultura por parte dos imigrantes (Zagefka et al., 2011). O mesmo ocorreu com a adoção de

uma estratégia de integração, ou seja, a percepção de que o grupo maioritário tende a adotar atitudes de integração face aos imigrantes refletiu-se na escolha do grupo minoritário em adotar a mesma estratégia. O estudo também mostrou que, quando membros do grupo minoritário percebem que o grupo maioritário está aberto ao contato, os membros do grupo minoritário também tendem a desejar mais contato com membros do grupo maioritário.

No entanto, o desenvolvimento das investigações sobre aculturação e relações intergrupais, não avançaram apenas no caráter dinâmico do processo. A necessidade de perceber possíveis moderadores do relacionamento entre grupo minoritário e maioritário, bem como os processos psicológicos subjacentes (i.e., mediadores) tem sido amplamente discutidos. Igualmente importante tem sido salientar a relevância do ambiente onde o contato entre grupos ocorre. Berry (2005) ressalta que, para se compreender as estratégias de aculturação adotadas pelos imigrantes, é necessário primeiramente analisar os fatores econômicos, políticos e demográficos envolvidos no relacionamento entre os imigrantes e a sociedade de acolhimento. A importância em se analisar ambas as culturas e, conseqüentemente, compreender como ocorre a interação entre seus indivíduos, também é salientada no modelo bidimensional (Berry, Poortinga, Segall, & Dasen, 2002).

Nessa linha de pesquisa, um estudo realizado na Bélgica e Turquia, procurou investigar se as atitudes aculturativas do grupo maioritário face aos imigrantes, dependiam da percepção da preferência de aculturação escolhida pelo grupo (Zagefka, Brown, Broquard, & Leventoglu Martin, 2007). Os resultados mostraram que, a percepção de que membros do grupo minoritário desejavam contato com a sociedade de acolhimento esteve associada à redução de atitudes negativas, e conseqüentemente ao aumento da adesão a uma estratégia de integração. Um padrão que se repetiu em ambos os contextos (i.e., Bélgica e Turquia). Baseando-se em teorias como a do Conflito Realista (Sherif, 1966), o estudo também investigou o efeito negativo da presença da competitividade por recursos econômicos nas atitudes intergrupais. Em concordância com o postulado por Sherif, a percepção da competição por recursos influenciou as atitudes negativas, minimizando a possibilidade da escolha pela estratégia de integração por parte do grupo maioritário. Porém nesse caso, o efeito indireto da competitividade econômica na preferência de aculturação do grupo maioritário surgiu apenas no contexto Belga.

Mais recentemente, um estudo experimental realizado no contexto britânico, testou se manipular diferentes estratégias de aculturação escolhidas por um grupo minoritário,

influencia ou não a favorabilidade do grupo maioritário relativamente a essas mesmas estratégias (Zagefka, Tip, González, Brown, & Cinnirella, 2012). O estudo revelou que, induzir a ideia que o grupo minoritário opta pela adoção da cultura, levou à adoção de atitudes mais integrativas por parte do grupo maioritário. Os resultados também revelaram que o efeito da preferência pela manutenção da cultura foi moderado pelo preconceito. Ou seja, para os membros do grupo maioritário com níveis mais elevados de preconceito, a percepção que o grupo minoritário quer manter a sua cultura levou a um menor desejo de integração. Já para os membros do grupo maioritário que demonstraram níveis mais baixos de preconceito, a percepção que o grupo minoritário desejava manter a própria cultura, não influenciou negativamente as atitudes integrativas da maioria. Em suma, o estudo mostrou experimentalmente o que investigações anteriores já tinham revelado: a percepção das escolhas de aculturação do exogrupo influencia diretamente as preferências de aculturação adotadas pelo endogrupo.

Também focado nos antecedentes das estratégias de aculturação, um estudo realizado em Hong Kong, uma ex-colônia inglesa, chama a atenção do caráter generalista dos estudos sobre aculturação da atualidade (Cheung-Blunden & Juang, 2008). Um dos objetivos do estudo foi identificar que modelo de aculturação melhor se aplica ao contexto de histórico colonial, tendo em consideração que tanto o modelo unidimensional quanto o modelo bidimensional de aculturação, são modelos válidos e amplamente difundidos na literatura. Os autores compararam os resultados na amostra em Hong Kong, com resultados recentes sobre o processo de adaptação de imigrantes num contexto padrão de imigração, onde, no geral, para os imigrantes, manter a própria cultura está associado a mais dificuldade de adaptação, enquanto a adoção da cultura da sociedade de acolhimento, reflete-se numa melhor adaptação. Baseados nesse pressuposto os investigadores questionaram se esse padrão se repetiria num contexto marcado por um passado colonial. Os resultados demonstraram que, no contexto estudado (i.e., Hong Kong), a melhor adaptação foi resultado da manutenção da própria cultura (i.e. Chinesa), ao contrário dos resultados no contexto padrão, onde a melhor adaptação ocorreu quando os imigrantes adotaram a cultura da sociedade de acolhimento. No contexto de Hong Kong, a adoção da cultura inglesa (i.e., ex-colonizadores) esteve associada a problemas na adaptação, já no contexto de imigração padrão, verificaram-se problemas de

adaptação quando os imigrantes optaram por manter a própria cultura. Dessa forma, os autores concluíram que “seja qual for a adaptação dos imigrantes na cultura Chinesa (i.e., melhor adaptação, pior adaptação), isso será moderado pelas especificidades do contexto” (Cheung-Blunden, & Juang, 2008, p. 31).

Nesta mesma linha de pesquisa e utilizando-se do argumento, de que um contexto pautado pelo colonialismo não deve ser investigado com base no pressuposto de um cenário migratório padrão, estudos realizados com filipinos-americanos também salientaram o impacto do histórico colonial na forma de pensar e agir desses imigrantes (David, & Nadal, 2013). De acordo com os resultados, o sentimento de inferioridade é latente entre os imigrantes Filipinos, mesmo antes de esses imigrantes chegarem à sociedade de acolhimento (i.e., Estados Unidos). Estes imigrantes apresentaram vários problemas de ordem psicológica como, por exemplo, elevados níveis de estresse aculturativo em consequência da percepção do racismo. Levando-se em consideração esses fatores, o estudo salienta a necessidade de mais estudos que levem em consideração o passado colonial e suas especificidades.

2.3 As Consequências das Estratégias da Aculturação e a Procura por Antecedentes

Dessa maneira, ao olhar para a trajetória dos estudos sobre a aculturação, observa-se uma tendência da investigação em identificar as consequências provocadas pelo processo de interação entre grupos, refletindo o modelo bidimensional proposto por Berry que, tem como foco principal a perspectiva dos grupos minoritários, o seu processo adaptativo e consequentemente o impacto gerado tanto na sua saúde quanto no seu bem-estar (Berry, 1997). De fato, a adaptação é considerada uma consequência do processo aculturativo, centrada essencialmente no bem-estar e nas competências socioculturais desenvolvidas pelos imigrantes. Searle & Ward (1990) definiram especificamente dois aspectos da adaptação, a adaptação psicológica (i.e., associada à saúde mental, à identidade e outros aspectos ligados à satisfação pessoal), e a adaptação sociocultural (i.e., associada à habilidade do imigrante em lidar com as situações adversas no novo contexto social). Estas duas dimensões da adaptação estão inter-relacionadas, mas são construtos distintos (Ward, 1996). A partir de estudos empíricos a autora associa a adaptação psicológica ao stress e à forma como o imigrante supera as mudanças provocadas pelo processo de aculturação. No prisma sociocultural, a

ênfase são fatores como a aprendizagem e as habilidades sociais. Entre as consequências amplamente exploradas na literatura, o estresse aculturativo (i.e., caracterizado por comportamento e reações emocionais negativos) tem ocupado especial destaque (Berry, 1997; Ward, 2001; Berry, 2006; Bemak & Chung, 2008; Castro & Murray, 2010).

Em concordância com a abordagem integracionista, um estudo realizado com imigrantes Irlandeses revelou, não apenas o impacto das consequências do processo aculturativo na saúde desses imigrantes, como também que, imigrantes que optam pela estratégia de integração apresentam melhores condições de saúde que aqueles que optam por uma das demais estratégias de aculturação (Curran, 2003). Portanto, como observamos até esse ponto, evidencia-se na literatura, uma predominância de estudos que investigam o relacionamento entre aculturação, bem-estar e a satisfação com a vida. No entanto, investigadores como Zagefka et al. (2011) enfatizam a necessidade em se estudar os elementos que antecedem a escolha por uma das estratégias de aculturação, e não apenas suas consequências como se tem repetido na literatura.

Apesar de ser uma perspectiva ainda pouco explorada, nas últimas duas décadas tem se observado um aumento no número de estudos, tanto correlacionais quanto experimentais, centrados na identificação de possíveis preditores da aculturação (e.g., ameaça, preconceito, identidade). Na busca por alguns dos fatores que antecedem as estratégias de aculturação, a percepção da ameaça intergrupar, por exemplo, foi objeto de investigação em dois estudos conduzidos na Espanha com grupos minoritários distintos (i.e., Marroquinos e Equatorianos) (López-Rodríguez, Zagefka, Navas, & Cuadrado, 2014). O primeiro estudo conduzido com participantes marroquinos indicou que, a percepção de que o grupo minoritário deseja adotar a cultura do grupo maioritário, foi associada a um estereótipo positivo por parte do grupo maioritário (i.e., mais sociáveis, morais e competentes). Estereótipos mais positivos dos imigrantes estiveram depois associados a uma menor percepção de ameaça sentida pelo grupo maioritário. Já quando o grupo minoritário opta por manter a sua própria cultura, os membros do grupo maioritário revelaram maior percepção de ameaça, tanto em relação aos imigrantes marroquinos, como aos equatorianos. Em suma, os dois estudos apontaram os estereótipo e a

percepção da ameaça como variáveis que influenciam as preferências de aculturação adotadas pelo grupo maioritário.

Mais recentemente, os efeitos do preconceito nas preferências de aculturação do grupo minoritário e maioritário também foram investigados (Zagefka, Binder, Brown, Kessler, Mummendey, Funke, & Maquil, 2014). Com amostras coletadas na Inglaterra, Bélgica e Alemanha, o estudo longitudinal revelou, por exemplo, o efeito bidirecional do preconceito e das preferências por aculturação. Ou seja, tanto o preconceito influenciou as preferências de aculturação (i.e., diminuiu o desejo pela manutenção de cultura, enquanto, aumentou o desejo pela adoção da cultura por parte do grupo maioritário), quanto, a preferência de aculturação, impactou no nível de preconceito (i.e., houve redução do preconceito quando membros do grupo maioritário adotaram a estratégia da integração). O estudo revelou ainda que esse efeito bidirecional foi saliente apenas do ponto de vista do grupo maioritário. No que diz respeito a membros do grupo minoritário, o preconceito apenas evidenciou um efeito negativo na dimensão da adoção de cultura.

No que se refere às variáveis demográficas, aspectos como idade, período de permanência no país, assim como gênero, também têm sido investigados como possíveis antecedentes das estratégias de aculturação. Um estudo realizado com imigrantes asiáticos nos Estados Unidos procurou identificar alguns fatores que influenciaram as atitudes de aculturação de três grupos de imigrantes (i.e, coreanos, indianos e filipinos) (Choi & Thomas, 2008). Além de demonstrar que as atitudes de aculturação diferem entre estes grupos minoritários, o estudo também revelou que, diferentemente de outras variáveis demográficas (e.g., idade, gênero) existe uma correlação positiva entre o nível de escolaridade e as atitudes de aculturação. Sumarizando, o estudo apontou que imigrantes com elevada escolaridade tendem a demonstrar atitudes mais positivas no processo de aculturação. O mesmo padrão foi encontrado em um estudo realizado com grupos minoritários e étnicos na Holanda, conceptualizando-se, o chamado paradoxo da integração (i.e., quanto mais elevado é o nível educacional, mais atitudes integrativas, porém maior também é a percepção da discriminação por parte dos grupos minoritários).

2.4 O Paradoxo da Integração

Tendo em vista os estudos mencionados no parágrafo anterior, assim como as assimetrias no contexto migratório, referidas no início desta dissertação, é importante ressaltar o crescimento no fluxo da mobilidade de imigrantes com elevada escolaridade. O formato migratório mais tradicional, configurado pela mobilidade de imigrantes menos qualificados que vislumbravam melhores oportunidades fora do seu país de origem, já não representa a totalidade no atual cenário global. Segundo dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o fluxo migratório da chamada “fuga de cérebros” é um fenómeno irrefutável e preocupante, dado as lacunas deixadas nos países de origem. Na perspectiva da aculturação, os profissionais com elevada escolaridade apresentam uma preferência pela integração, assim como são os que melhor se envolvem na sociedade de acolhimento. Porém, vários estudos revelam que eles também demonstram níveis elevados de percepção de discriminação e baixo nível de aceitação, quando comparados com os imigrantes menos qualificados (Gijsberts & Vervoort (2007; 2009, citado por Doorn, Scheepers, & Dagevos, 2013, p.383). Este tipo de padrão é visível em países como o Canadá, que tem procurado cada vez mais filtrar a entrada de profissionais qualificados nos seus limites.

Uma amostra coletada no país evidenciou a associação entre elevada escolaridade e uma maior percepção de discriminação em ambientes corporativos (Boyd & Derrick, 2002). Na tentativa de explicar esse paradoxo, Dagevos e colaboradores (2007, citado por Doorn et al., 2013, p.384), ressaltaram que o fato dos imigrantes qualificados terem mais contato com a sociedade de acolhimento, justificaria a maior exposição na esfera pública e a possibilidade de captar mais reações negativas do grupo maioritário. Segundo o estudo, imigrantes com elevada escolaridade são absorvidos pelo mercado de trabalho profissional mais facilmente que os imigrantes com baixa competência, o que os tornam mais vulneráveis à avaliação dos membros do grupo maioritário. No entanto, alguns estudos apontam outros possíveis fatores que possam explicar o paradoxo da integração. Buijs e colaboradores (2006, citado por Doorn et al., 2013 p. 385), por exemplo, explicam o paradoxo utilizando a teoria da alta expectativa e da privação relativa. Segundo o estudo realizado na Holanda com uma minoria muçulmana radical (i.e., grupo tradicionalmente de origem mais estruturada e com elevada escolaridade),

apesar do melhor nível literário, as oportunidades de trabalho e inserção na sociedade de acolhimento continuam escassas, quando comparadas com membros do grupo majoritário com similar padrão educacional Gijsberts & Vervoort (2009, citado por Doorn et al., 2013, p. 395). Este tipo de discrepância aumenta a frustração por parte do imigrante, resultando em menor desejo de contato com a sociedade de acolhimento Buijs e colaboradores (2006, citado por Doorn et al., 2013, & Dagevos, 2013, p.385). Aycan & Berry (1996) também sugeriram que, mesmo os imigrantes com estatuto elevado (e.g., alto nível educacional) tendem a experienciar perda de estatuto ao chegarem ao país de acolhimento, uma vez que a escolaridade adquirida em outro país pode não ser reconhecida em outros contextos.

Alguns autores, por exemplo, evidenciaram que, no contexto Holandês, as melhores oportunidades de trabalho são mais acessíveis para imigrantes que adquiriram sua qualificação na Holanda, que para aqueles que as adquiriram em seu país de origem, Dagevos e colaboradores (2007, citado por Doorn, Scheepers, & Dagevos, 2013, p. 386). Estes fatores têm sido associados à frustração e a um aumento da percepção de discriminação por parte do grupo minoritário. Além de encontrarem evidências do paradoxo da integração no contexto Holandês, os investigadores apontaram que a percepção de discriminação por parte dos imigrantes com elevada escolaridade ocorre não apenas na percepção enquanto grupo, como individualmente (Doorn et al., 2013). Quanto mais elevada é a escolaridade do imigrante, maior é a percepção de discriminação individual. Assim, como resposta, os imigrantes tendem a se voltarem para o seu próprio grupo e comunidades, quando percebem elevados níveis de discriminação na sociedade de acolhimento. O que conseqüentemente diminui o desejo pela integração, assim como o sentimento de pertença no país de acolhimento. Tendo em conta estes resultados e o perfil dos imigrantes Portugueses em Angola no cenário atual, na sua maioria profissionais com elevada escolaridade, nesta dissertação vamos explorar se a associação entre alta escolaridade e conseqüências intergrupais negativas se replicam para os imigrantes Portugueses em Angola.

2.5 A Indispensabilidade como um Antecedente das Estratégias de Aculturação

De fato, dada à pluralidade dos formatos migratórios da atualidade, a busca por fatores que antecedem as escolhas da aculturação tem aumentado na literatura da psicologia social. Nessa direção, este estudo procurou explorar um construto recente na literatura das relações interculturais, i.e., indispensabilidade, que tem se mostrado um relevante componente na avaliação entre grupos étnicos, que influencia as relações entre grupos de diferente estatuto.

O conceito de indispensabilidade, como originalmente proposto, refere-se à percepção que um determinado grupo é considerado como parte indispensável para definir uma categoria supraordenada (Tseung-Wong, & Verkuyten, 2010; Verkuyten, & Khan, 2012; Verkuyten, Martinovic, & Smeekes, 2014). Tseung-Wong & Verkuyten (2010), foram os primeiros a explorar o conceito de indispensabilidade, focando-se na importância em se diferenciar os conceitos de prototipicidade (e.i., que possui características ou particularidades de um protótipo, padrão) e a percepção da indispensabilidade, que embora sejam conceitos relacionados possuem diferenças relevantes (e.g., um grupo pode não ser percebido como prototípico de uma categoria supraordenada, mas pode representar um componente indispensável para o funcionamento social e econômico do país de acolhimento). O estudo realizado nas Ilhas Maurício, revelou que todos os três grupos étnicos estudados (i.e., Crioulos, Hindus, Muçulmanos) perceberam o seu próprio grupo como mais indispensável para a categoria supraordenada (i.e., categoria nacional). No entanto, os resultados mostraram também que para todos os grupos étnicos estudados, houve uma associação negativa entre a percepção de indispensabilidade relativa (i.e., indispensabilidade percebida do endogrupo – indispensabilidade percebida do exogrupo) e as atitudes face ao exogrupo.

Verkuyten & Khan (2012) replicaram o efeito negativo da indispensabilidade relativa nas relações intergrupais. Num estudo realizado na Malásia, um contexto também marcado por uma elevada diversidade étnica, os resultados revelaram que cada um dos subgrupos étnicos (i.e., Malaios, Chineses, Indianos), avaliou seu próprio grupo como mais indispensável para definir a identidade nacional. Os Malaios, por sua vez, exibiram mais percepção de indispensabilidade relativa que os Chineses e Indianos, assim como também

maior identificação nacional e étnica. Paralelamente com o que argumenta o modelo de projeção endogrupal (Mummendey & Wenzel, 1999), os resultados também revelaram que, grupos com dupla identidade tendem a exibir maior percepção de indispensabilidade relativa. Em síntese, os primeiros estudos sobre indispensabilidade, argumentam que a percepção de indispensabilidade relativa, está relacionada com enviesamentos intergrupais e a atitudes mais negativas face ao exogrupo (Tseung-Wong & Verkuyten, 2010; Verkuyten & Khan, 2012).

Embora as primeiras abordagens sobre indispensabilidade tenham salientado os seus efeitos negativos na avaliação entre grupos, é possível encontrar na literatura, estudos que apontam também, potenciais efeitos positivos. Nessa perspectiva, Verkuyten, Martinovic, & Smeeks (2014) investigaram os efeitos da percepção de indispensabilidade do exogrupo (i.e. Muçulmanos), por parte de um grupo maioritário (i.e., Holandeses) considerando que, perceber o exogrupo como indispensável para definir a categoria nacional poderia estimular a percepção de pertença do grupo minoritário à categoria nacional supraordenada. Os resultados mostraram que, de fato, quanto mais os holandeses perceberam os imigrantes como uma categoria indispensável à nação holandesa, maior foi a aceitação dos direitos e cultura dos imigrantes Muçulmanos por parte do grupo maioritário, e mais positivas as atitudes face ao exogrupo. Apesar de não haver uma unanimidade quanto aos efeitos positivos ou negativos da indispensabilidade no relacionamento intergrupais, o construto tem ganhado cada vez mais espaço nas investigações científicas como um fator importante na avaliação entre grupos maioritários e minoritários.

Numa tentativa de alargar teoricamente a abordagem da indispensabilidade, recentemente, alguns investigadores propuseram o conceito de indispensabilidade funcional, referindo-se à percepção de indispensabilidade dos grupos do ponto de vista da contribuição dada para o funcionamento da sociedade (Guerra, António, Deegan, & Gaertner, 2013; Guerra, Gaertner, António, & Deegan, 2015). Os autores propõem que os grupos podem ser avaliados não apenas do prisma da indispensabilidade identitária (i.e., a noção de que todos os subgrupos constituem uma parte indispensável da identidade da categoria supraordenada), mas também baseado no pressuposto de que os grupos podem ser percebidos como indispensáveis, com base na contribuição dada ao funcionamento econômico e social da

sociedade em que se inserem. Essa nova perspectiva da indispensabilidade, que se centra em dois tipos diferenciados de indispensabilidade (i.e., funcional e identitária) foi testada por Guerra e colaboradores (2013) no contexto Português, tendo em vista dois grupos de imigrantes (i.e., Africanos, Ucrânicos). O estudo revelou diferenças significativas entre a indispensabilidade percebida de cada grupo. Tal como esperado, a percepção da indispensabilidade identitária foi mais elevada por parte dos Africanos, enquanto os Ucrânicos, perceberam o seu próprio grupo como mais indispensável ao funcionamento económico e social da sociedade Portuguesa, (i.e. indispensabilidade funcional). Tanto para os Africanos como para os Ucrânicos, níveis elevados de indispensabilidade (identitária e funcional, respectivamente) estiveram associados à adoção da integração como estratégia de aculturação preferencial. Sendo assim, o estudo enfatiza que a percepção de indispensabilidade dos subgrupos em um determinado contexto pode se manifestar em diferentes dimensões. Em ambos os casos, a percepção da indispensabilidade como um componente de avaliação intergrupar esteve associada a atitudes mais integrativas.

Utilizando o mesmo contexto, um novo estudo investigou a percepção da indispensabilidade do ponto de vista do grupo majoritário tendo em consideração o perfil dos principais grupos de imigrantes em Portugal (i.e., Africanos, Brasileiros, Ucrânicos) (Guerra et al., 2015). Os resultados mostraram que, do ponto de vista do grupo majoritário, a percepção de indispensabilidade dos grupos minoritários foi associada a atitudes positivas, porém esse efeito mostrou-se mais saliente para os membros do grupo majoritário que definem a identidade nacional de uma forma mais cívica (i.e., um conceito mais inclusivo da identidade nacional). Assim como no estudo anterior, diferentes grupos foram percebidos como indispensáveis em diferentes dimensões (i.e., identidade, funcionalidade). Os africanos e brasileiros, por exemplo, foram avaliados pelos nativos portugueses, como sendo mais indispensáveis à identidade nacional Portuguesa, relativamente aos ucranianos, que dado a sua elevada escolaridade, foram percebidos como mais indispensáveis ao funcionamento da sociedade Portuguesa. Independentemente da dimensão de indispensabilidade, todos os resultados apontam que, quanto mais os Portugueses percebem os grupos como sendo indispensáveis menor foi a distância social sentida em relação a esses grupos. Tendo em conta estes resultados, no presente estudo, iremos explorar se a indispensabilidade funcional

também afeta as preferências de aculturação adotadas pelos imigrantes Portugueses em Angola, respaldados pelo perfil desses imigrantes que chegam ao país angolano para suprir uma demanda por mão de obra qualificada.

Segundo dados da OCDE (2014), na escala laboral, os imigrantes são os principais responsáveis por preencher importantes lacunas tanto em setores em crescimento como outros em declínio. Em alguns países, os imigrantes chegam a representar um terço da mão de obra qualificada (i.e., Canadá). O crescimento econômico também é apontado pela OCDE, como um dos principais benefícios da imigração internacional, tanto na forma de pagamentos de impostos e taxas como uma consequência do aumento da produção laboral. Todos esses aspectos são amplamente debatidos no intuito de ampliar a compreensão sobre a importante contribuição do imigrante para a sociedade que o acolhe. No geral, como refletido nesta revisão de literatura, poucos são os estudos empíricos que propõem explorar essa contribuição e as suas consequências para as relações entre imigrantes e sociedade de acolhimento.

2.6 O Presente Estudo

Acompanhando o ritmo do fluxo migratório da atualidade, assim como suas assimetrias, os estudos sobre a aculturação têm procurado promover o melhor entendimento sobre a dinâmica por trás das atitudes tanto de imigrantes, quanto dos membros da sociedade que os acolhe. As investigações têm demonstrado que as implicações e consequências dessas escolhas no relacionamento intergrupar são inúmeras. No entanto, ainda é recente o interesse de investigadores em identificar os fatores que antecedem estas escolhas e estratégias. Na tentativa de explorar esta vertente dos estudos sobre a aculturação este estudo pretende explorar um contexto ainda negligenciado na literatura (i.e., passado colonial), de forma a perceber as escolhas de aculturação e consequente adaptação dos imigrantes Portugueses num cenário marcado por alterações significativas e uma descontinuidade no estatuto socioeconômico de ambos os grupos (e.g., Angola que passa de ex-colônia a país independente e com melhor situação econômica que Portugal, e do outro lado Portugal, que passa de colonizador com longa história de controle de recursos, a enfrentar uma das piores crises da história, recorrendo à ex-colônia, sobretudo pela oferta de empregos). Concretamente, este estudo pretende: 1) explorar se estas alterações no estatuto do grupo

influenciam as estratégias de aculturação e a adaptação destes imigrantes em Angola; 2) explorar se a percepção de indispensabilidade funcional, ou seja, se o fato de os imigrantes Portugueses se perceberem como importantes contribuidores para o funcionamento da sociedade Angolana, está relacionada com as estratégias de aculturação adotadas e, conseqüentemente com a sua adaptação psicológica e sociocultural; 3) explorar se, tal como proposto pelo paradoxo da integração, a escolaridade, a par da indispensabilidade funcional e da percepção de alterações no estatuto, pode também influenciar o processo de aculturação e adaptação dos Portugueses.

2.7 Hipóteses

H1. Ao considerar as relações históricas entre Portugal e Angola ao longo dos séculos, e principalmente a atual conjuntura, na qual os imigrantes Portugueses retornam ao país em uma situação contrária à do passado colonial (i.e., sem o controle de recursos), e do ponto de vista económico bem menos favorável (i.e., imigrantes em busca de emprego), esperamos que esta descontinuidade (i.e., reverso) no estatuto do grupo propicie tensões no relacionamento com os Angolanos e dificuldade de adaptação na sociedade de acolhimento. Assim, esperamos que quanto maior for a diferença entre o estatuto passado e o presente (i.e., maior descontinuidade), menos os Portugueses tenderão a adotar a estratégia de integração, o que por sua vez terá um impacto negativo na sua adaptação sociocultural e no seu bem-estar psicológico (i.e., satisfação com a vida).

H2. Ao considerar a perspectiva dos Portugueses enquanto grupo minoritário no contexto Angolano, e com base na literatura da percepção da indispensabilidade funcional (Guerra et al., 2013; Guerra et al., 2015) hipotetizamos que, o fato dos Portugueses se perceberem como indispensáveis para a sociedade angolana, influenciará as estratégias de aculturação adotadas. Especificamente, esperamos que tal como se tem observado na literatura, a percepção da indispensabilidade funcional esteja associada a atitudes mais integrativas, à redução da distância social, e conseqüentemente a uma melhor adaptação sociocultural e maior bem-estar (i. e., satisfação com a vida) (Guerra et al., 2013).

H3. Por fim, queremos ainda explorar se os efeitos da escolaridade na aculturação e na adaptação sociocultural e psicológica serão consonantes com o proposto pelo paradoxo da integração (negativos), ou se em linha com o que esperamos para a indispensabilidade funcional, elevadas qualificações estarão associadas a melhores resultados aculturativos.

Capítulo III - Método

3.1 Amostra

Neste estudo participaram voluntariamente 142 indivíduos, no entanto, um número considerável de participantes não concluiu o questionário, resultando em uma amostra final de 89 participantes. Destes, 53,9% são do sexo masculino e 46,1% do sexo feminino, Relativamente à idade, 70% estão na faixa dos 36 a 45 anos, 28,1%, entre 46 e 65 anos e apenas 1,1% com idades compreendidas entre 16 a 35 anos. Em relação à escolaridade, 3,4% dos participantes informaram ter até o 6º ano, 31,5% possuem o 12º ano completo, 11,2% possuem bacharelado, enquanto a maioria, 36%, é licenciada. Participantes com mestrado e doutorado representam respectivamente, 15,7% e 2,2% da amostra. Relativamente ao tempo de residência em Angola, 20% informaram estar no país há cerca de um ano, 28,7% vive em Angola entre dois a três anos, 17,5% dos participantes residem no país entre três e cinco anos e, a maior percentagem 33,8% está no país há mais de cinco anos.

3.2 Procedimento

Os dados foram recolhidos entre Abril e Maio de 2015. Os participantes foram recrutados através do Facebook, em grupos de imigrantes Portugueses em Angola. Como critério, procuramos constituir uma amostra apenas com cidadãos que se identificassem como Portugueses ou, como Portugueses de origem Angolana. Dessa forma, todos os participantes que não cumpriam esses critérios foram automaticamente direcionados para o final do questionário e excluídos da amostra. O questionário online foi elaborado no *Qualtrics Survey Software*, e demorou em média 14 minutos para ser completado. No início do questionário foi introduzida uma breve descrição dos objetivos do estudo (i.e., perceber o processo de adaptação de imigrantes Portugueses em Angola), após a qual os participantes concordavam com a participação (i.e., consentimento informado). Cinco cupons de descontos foram

ofertados aos participantes que concluíssem o questionário, selecionados aleatoriamente no final da recolha dos dados.

3.3 Medidas

3.3.1 Dados demográficos. Os participantes responderam às seguintes questões sociodemográficas: idade, gênero, escolaridade, situação profissional, residência em Angola, tempo de residência em Angola, intenção de permanência no país, nacionalidade e nacionalidade dos pais. Para efeito de análise, a medida da escolaridade foi recodificada sendo simplificada a apenas duas categorias: até o 12º ano e licenciatura ou superior. O mesmo ocorreu com a escala da idade, recodificada em três categorias: de 16 a 25 anos, de 26 a 35 anos e por fim, de 36 a 65 anos.

3.3.2 Identificação endogrupal. Para medir esse construto, utilizamos cinco itens propostos por Leach e colegas (2008). Os participantes responderam às questões (e.g. “Ser português é um reflexo importante de quem eu sou”; “Eu tenho laços fortes com outros Portugueses.”), utilizando uma escala Likert de 5-pontos (1= discordo totalmente, 5= concordo totalmente). Os itens foram agregados num índice de identificação endogrupal ($\alpha = .85$).

3.3.3 Estatuto relativo. Para medir o estatuto relativo os participantes indicaram numa escala Likert de 5-pontos (1= muito inferior, 5= muito superior), como percebem o estatuto dos Portugueses em Angola, no passado e no presente. Os dois itens foram: “Independentemente de se justificar ou não, hoje em dia, o estatuto dos Portugueses em Angola é.”; “Independentemente de se justificar ou não, no passado, o estatuto dos Portugueses em Angola era.”. Foi ainda utilizado um terceiro item: “Independentemente de se justificar ou não, em termos de estatuto na sociedade Angolana, considero que: (1= Os Portugueses têm um estatuto muito inferior ao dos Angolanos; 5= Os Portugueses têm um estatuto um muito superior ao dos Angolanos). No entanto, a análise da consistência interna revelou valores baixos ($\alpha = .63$), sendo este último item excluído ($\alpha = .75$). Para efeito de análise optámos por criar um índice do estatuto relativo, subtraindo a percepção de estatuto

presente da percepção do estatuto passado. Ou seja, valores positivos significam que o estatuto do passado é superior ao estatuto do presente.

3.3.4 Indispensabilidade funcional do endogrupo. Para medir esse construto utilizamos os dez itens propostos por (Guerra et al., 2013; 2015). Os participantes indicaram numa escala Likert de 7-pontos, (1= discordo totalmente, 7= concordo totalmente), o quanto concordavam com várias afirmações (e.g., “Os Portugueses têm posições econômicas influentes.”; “Economicamente, Angola precisa dos Portugueses. “O futuro econômico de Angola depende das contribuições dos Portugueses”). Os itens foram agregados num índice de indispensabilidade funcional ($\alpha=.89$).

3.3.5 Aculturação. Para medir as preferências de aculturação, utilizamos os itens propostos por Zagefka & Brown (2002). Os participantes indicaram numa escala Likert de 5-pontos, (1= discordo totalmente, 5= concordo totalmente), o quanto desejam manter a sua própria cultura e o quanto desejavam ter contato com os Angolanos. A preferência pela manutenção da cultura foi medida através de três itens: “Eu acho que é importante que os Portugueses em Angola mantenham a sua cultura ”; “Eu acho que os Portugueses em Angola devem manter a sua própria religião, linguagem e vestuário”; “Eu acho que é importante que os Portugueses em Angola mantenham a sua própria forma de vida”($\alpha =.81$). Outros dois itens mediram a preferência por contato: “Eu acho que é importante que os Portugueses também passem algum tempo com os Angolanos.”; “Eu acho importante que os Portugueses tenham amigos Angolanos” ($\alpha =.90$). Como proposto por Zagefka et al. (2007), optámos por criar um índice de aculturação, através da multiplicação das duas dimensões: desejo de manutenção da cultura e desejo de contato. O índice varia entre 1 e 25, onde, os valores baixos indicam a preferência por marginalização (baixo desejo de manutenção da cultura e baixo desejo de contato), os valores mais altos da escala correspondem a uma preferência de integração (desejo de manutenção da cultura e desejo de contato igualmente elevados). Valores intermédios representam um a preferência pelas estratégias de assimilação ou separação. Segundo os autores a principal vantagem deste índice é que possibilita fazer considerações simultâneas entre as duas dimensões (i.e., manutenção da cultura, desejo por contato), no

entanto, mantendo-se próximo ao conceito original das preferências da aculturação, sem ter que recorrer a valores medianos (Zagefka et al., 2007).

3.3.6 Distância social. Baseados nos itens de Binder et al. (2009), perguntámos aos participantes o quão favoráveis são em relacionar-se com os Angolanos. Os participantes responderam numa escala Likert 5-pontos (1=nada favorável, 5= muito favorável). Os itens foram: “Até que ponto é favorável a ter Angolanos como: Colegas de Turma”; “Até que ponto é favorável a ter Angolanos como: Professores”; “Até que ponto é favorável a ter Angolanos como: Vizinhos”; “Até que ponto é favorável a ter Angolanos como: -Hóspedes”; “Até que ponto é favorável a ter Angolanos como:-Sogros” ($\alpha=.88$). Para efeito de análise, a escala foi recodificada sendo que, valores mais elevados indicam menor desejo de interação e consequentemente maior distância social.

3.3.7 Satisfação com a vida. Para avaliar o nível de satisfação com a vida dos Portugueses em Angola, utilizámos a versão traduzida e adaptada para a população portuguesa, (Neto, 1993) da *Satisfaction With Life Scale* (SWLS; Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985). Os participantes responderam numa escala de 7-pontos (1= discordo totalmente, 7=concordo totalmente), aos seguintes itens: “Em muitos aspectos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais”; “As minhas condições de vida são excelentes”; “Estou satisfeito com a minha vida”; “Até agora consegui obter aquilo que era importante na vida”; “Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada” ($\alpha=.85$). Para efeito de análise os itens foram agregados e analisados como um índice de satisfação com a vida.

3.3.8 Adaptação sociocultural. Para medir esse construto utilizou-se a escala proposta por Ward & Kennedy (1999). Os participantes responderam a 19 itens, utilizando-se uma escala Likert de 5-pontos (1= nada difícil, 5= extremamente difícil). Doze itens mediram a adaptação relacional (e.g. ”Compreender o sistema de valores dos Angolanos”, “Compreender a visão do mundo dos Angolanos”; “Fazer amigos Angolanos”) ($\alpha=.88$). Os sete itens restantes mediram a adaptação comportamental: (e.g. “Lidar com pessoas de autoridade; “Lidar com alguém que é desagradável”; “Lidar com o ritmo de vida local”)

($\alpha=.77$). Para facilitar o processo de análise, as duas escalas foram recodificadas, sendo que valores mais altos correspondem a maior facilidade de adaptação.¹

Capítulo IV - Resultados

Os resultados são apresentados em três fases: Numa primeira fase mais descritiva, realizamos comparações de médias tendo em conta as nossas variáveis demográficas (i.e., gênero, idade, escolaridade). Na segunda etapa, foram analisadas as correlações entre as variáveis de interesse. Por último, um modelo de mediação que explorou os mecanismos através dos quais os nossos fatores (estatuto relativo, indispensabilidade funcional e escolaridade) influenciaram a adaptação psicológica e sociocultural (Figura 4.1). As análises de mediação foram realizadas através do macro PROCESS (Hayes, 2013) para SPSS. Dada à pequena dimensão da amostra, as análises foram realizadas com bootstrapping (1,000 resamples e 95% bias-corrected standardized bootstrap CI).

4.1 Efeito da Escolaridade, Idade e Sexo

As análises de comparações de médias não revelaram diferenças significativas nas nossas variáveis de interesse entre homens e mulheres. Relativamente a diferenças entre os grupos etários, as análises revelaram efeitos significativos da idade apenas na adaptação sociocultural e na indispensabilidade funcional. Relativamente à adaptação relacional, $t(73) = -2.97, p = .00$, os resultados mostram que o grupo etário de 26-35 anos ($M = 3.67, SD = .70$), tem níveis mais baixos de adaptação do que o grupo etário dos 36-45 anos ($M = 4.19, SD = .57$). Também na adaptação comportamental foram encontradas diferenças significativas entre os grupos etários, $t(73) = -3.08, p = .00$. O grupo etário de 26-35 anos ($M = 2.50, SD = .82$) apresenta novamente valores de adaptação mais baixos do que os do grupo etário acima dos 36 e 65 anos ($M = 3.14, SD = .78$). No que diz respeito à indispensabilidade funcional, os resultados revelam que são os mais jovens, (i.e., 26-35 anos) que se consideram marginalmente, $t(73) = 1.73, p = .08$, mais indispensáveis ao funcionamento da sociedade Angolana ($M = 4.94, SD = 1.11$) comparativamente com o grupo etário acima dos 36 ($M = 4.45, SD = 1.03$). Ou seja,

¹ Foram ainda incluídas no questionário algumas medidas adicionais que fazem parte de um projeto de investigação mais alargado, que se insere no contexto explorado nesse estudo.

os resultados sugerem que os imigrantes Portugueses do grupo etário mais jovem, estão significativamente menos adaptados que os mais velhos.

Por fim, as análises revelaram diferenças entre a adaptação relacional, $t(74)= 3.36$, $p=.00$, e comportamental, $t(74)= 1.88$, $p=.06$ dependendo da escolaridade. Na adaptação relacional, são os participantes menos escolarizados (i.e., até o 12º ano) que revelam níveis mais elevados de adaptação ($M= 4.18$, $SD=.61$), comparativamente aos mais escolarizados. ($M=3.62$, $SD=.71$). Na variável de adaptação comportamental encontramos mais uma vez diferenças entre os dois grupos, ainda que marginais. À semelhança do anterior, são os menos escolarizados que revelam níveis de adaptação mais elevados ($M= 2.94$, $SD=.96$), comparativamente aos mais escolarizados ($M=2.55$, $SD =.77$). De forma geral, os resultados ilustraram que os Portugueses menos escolarizados estão melhor adaptados que os imigrantes com melhor nível educacional.

De seguida apresentamos e descrevemos as correlações entre as variáveis de interesse (Tabela 4.1).

Tabela 4.1*Correlações, médias e desvio-padrão.*

	M	SD	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Escolaridade	-	.-	-									
2. Indisp. Funcional	4.81	1.10	-.06	-								
3. Id. Nacional	4.77	1.41	.05	.37**	-							
4. Estatuto	1.32	1.00	0.2	.17	0.2	-						
5. Man. Cultura	3.81	.87	.03	.06	.16	.05	-					
6. Des. Contato	4.37	.68	-.10	-.12	.06	.10	.00	-				
7. Aculturação	16.69	4.97	-.02	-.03	.16	.08	.81**	.57**	-			
8. Distância Social	2.58	.93	.12	.30**	-.04	.03	-.00	-.50**	-.30**	-		
9. Adaptação Relacional	3.79	.72	-.36**	-.20	-.21	-.20	-.18	.22	-.02	-.39**	-	
10. Adaptação Comportamental	2.69	.85	-.21	-.10	-.08	-.19	-.19	.00	-.12	-.15	.65**	-
11. Satisfação Vida	4.30	1.33	-.07	-.09	.03	-.46**	-.05	.10	.01	-.28*	.30**	.26*

*Nota: *p < .05. ** p < .01*

4.2 Indispensabilidade Funcional

Analisamos a correlação da percepção de indispensabilidade funcional com diferentes variáveis, a começar com o índice da aculturação (i.e., manutenção da cultura e desejo por contato). Ao contrário do esperado (H2), a associação entre estas variáveis não apresentou significância estatística ($r = -.03, p > .05$). No entanto, a percepção da indispensabilidade funcional surge associada positivamente com a variável de distância social ($r = .30, p < .01$), ou seja, contrariamente ao hipotetizado (H2) quanto maior a percepção de indispensabilidade por parte dos Portugueses, maior é o desejo de distanciamento face os Angolanos. Uma correlação negativa, ainda que marginal, foi encontrada entre a indispensabilidade funcional e a adaptação relacional ($r = -.20, p = .08$), sugerindo que, quanto maior é a percepção de indispensabilidade, maior é a dificuldade de relacionamento com os Angolanos. Coerentemente, os resultados também revelaram uma relação positiva entre a percepção de indispensabilidade funcional dos imigrantes Portugueses em Angola e a identificação nacional, ($r = .37, p < .01$). Quanto maior é a identificação com o endogrupo nacional, mais os Portugueses se sentem indispensáveis ao funcionamento da sociedade Angolana. No geral, a relação positiva prevista (H2) entre a indispensabilidade funcional e a integração e adaptação não foi encontrada.

4.3 Aculturação

Os resultados ilustraram que a única variável que apresenta uma correlação significativa com a aculturação é a variável da distância social ($r = -.30, p < .01$). Quanto maior a preferência por uma estratégia de integração, menor é a distância social sentida face aos Angolanos. Encontramos ainda uma correlação marginal entre a variável de desejo de contato (uma das dimensões do índice de aculturação) e a medida de adaptação relacional ($r = .22, p = .05$), ou seja, quanto maior o desejo de manter contato com a sociedade de acolhimento, melhor a adaptação relacional no contexto Angolano.

4.4 Distância Social

A variável de distância social está positivamente associada com a satisfação com a vida ($r = .28, p < .05$), Contrariamente ao esperado, quanto mais os Portugueses desejam se distanciar dos Angolanos, maior o grau de satisfação com a vida. Destacamos ainda a associação negativa entre a distância social e a adaptação relacional ($r = -.39, p < .01$), ou seja, quanto maior é o desejo de distanciamento por parte dos Portugueses, pior é a sua adaptação relacional com os Angolanos. Coerentemente, os resultados também evidenciaram uma associação significativa entre a adaptação sociocultural e a satisfação com a vida. Tanto a adaptação relacional ($r = .30, p < .01$) como a adaptação comportamental ($r = .26, p < .05$) estão positivamente associadas com a satisfação, ou seja, quanto melhor é a adaptação sociocultural dos Portugueses em Angola, mais eles se sentem satisfeitos com a vida.

4.5 Estatuto Relativo

O estatuto relativo apenas está associado com a variável de satisfação com a vida ($r = -.46, p < .01$), ou seja, quanto mais os Portugueses percebem o estatuto atual como relativamente mais baixo que o estatuto do passado, menos satisfeitos com a vida eles se sentem. Foi ainda encontrada uma correlação marginal entre o estatuto relativo e adaptação relacional ($r = -.20, p > .05$), que indica que, quanto maior é a diferença entre o estatuto passado e o atual, mais os Portugueses sentem dificuldades em adaptar-se em Angola. Estes resultados suportam parcialmente a hipótese 1, ainda que não se tenha confirmado a relação negativa esperada com a adoção da estratégia de integração.

4.6 Modelo de Mediação

Embora os resultados não tenham confirmado algumas das nossas hipóteses, sobretudo no que diz respeito à relação entre a indispensabilidade funcional, o estatuto e as preferências de aculturação dos Portugueses em Angola, os resultados apresentados apontaram para outras variáveis que estão associadas às preferências de aculturação dos imigrantes Portugueses no contexto Angolano, assim como as consequências no processo de adaptação (e.g., distância

social). Uma vez que um dos objetivos deste estudo é explorar especificidades no processo aculturativo num contexto marcado por um passado colonial e pelo reverso na situação socioeconômica de ambos os grupos em contato (i.e., portugueses, angolanos), testamos o modelo apresentado na Figura 4.1.

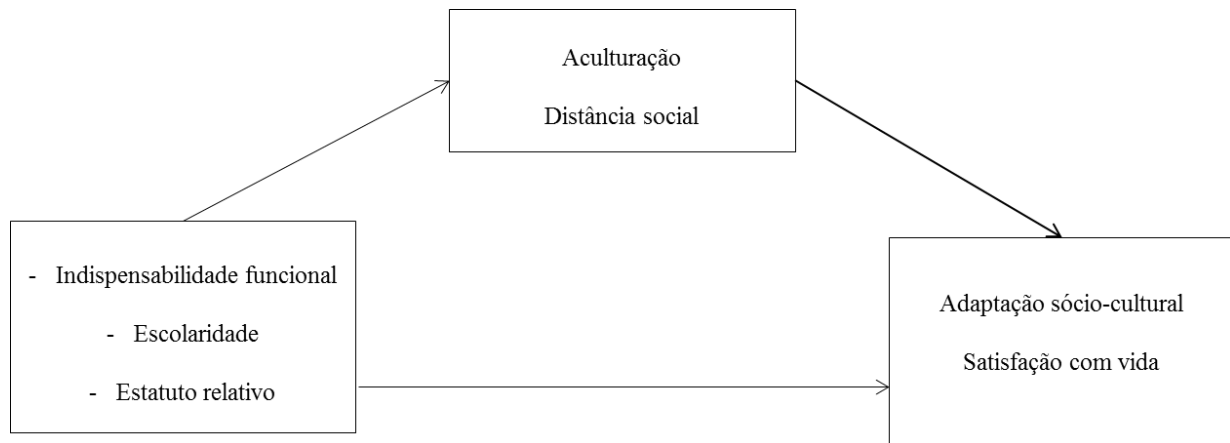


Figura 4. 1 - Modelo de Mediação

Neste modelo, a indispensabilidade funcional, a escolaridade e o estatuto relativo, foram utilizados como preditores no modelo, o índice de aculturação e a distância social como mediadores e a adaptação sociocultural (i.e., relacional, comportamental) e psicológica (i.e., satisfação com a vida) foram as variáveis dependentes. Testamos um modelo para cada variável dependente, para testar o modelo de mediação proposto.

No geral, a indispensabilidade percebida dos Portugueses para a sociedade Angolana teve um efeito negativo indireto na adaptação sociocultural e na satisfação com a vida. Contrariamente ao esperado (H2), apenas a distância social, e não a aculturação, se revelou como um mediador significativo da relação entre indispensabilidade funcional do endogrupo e a adaptação e satisfação com a vida.

4.6.1 Satisfação com a vida. Os resultados revelaram que quanto mais os imigrantes Portugueses se consideram indispensáveis ao funcionamento da sociedade Angolana, maior a distância social sentida face aos Angolanos ($B= .25, p<.01$), que por sua vez está negativamente relacionada com os níveis de satisfação com a vida ($B= -.45, p<.01$). Como esperado, o efeito indireto da indispensabilidade funcional percebida dos imigrantes Portugueses em Angola na satisfação com a vida, através da distância social, foi significativo ($B= -.11, CI [-0,2708, -0,0183]$). Ou seja, quanto mais os Portugueses se consideraram indispensáveis ao funcionamento da sociedade angolana, maior a distância social sentida face aos Angolanos, que por sua vez, se associou a uma menor satisfação com a vida.

Tabela 4.2

Modelo de Mediação para a Satisfação com a Vida

Preditores	M (Aculturação)			M (Distância Social)			Y (Satisfação com a Vida)		
	Coef.	SE	p	Coef.	SE	p	Coef.	SE	p
(X) Indisp. funcional	-.17	.54	.74	.25	.09	.01	.07	.13	.57
(Cov) Escolaridade	-.40	1.25	.74	.30	.22	.16	-.03	.28	.89
(Cov) Estatuto Rel.	.47	.59	.43	-.01	.10	.90	-.61	.13	.00
Constant	17.57	3.49	.00	.91	.61	.14	6.16	.97	.00
M1 (Aculturação)	-	-	-	-	-	-	-.00	.02	.75
M2 (Dist. Social)	-	-	-	-	-	-	-.45	.16	.00

Nota: Efeitos condicionais indiretos. Os valores apresentados são coeficientes de regressão não estandardizados

Vale salientar também, que apesar de o efeito indireto do estatuto relativo na satisfação com a vida não ser significativo, o estatuto está diretamente associado à satisfação com vida.

Concretamente, tal como esperado (H1) quanto maior a diferença percebida entre o estatuto passado e o presente, menor a satisfação com vida ($B= -.62, p<.01$).

Contrariamente ao esperado, a aculturação não se revelou significativamente associada a nenhum dos preditores (i.e., indispensabilidade funcional, escolaridade e estatuto relativo), nem com a satisfação com a vida.

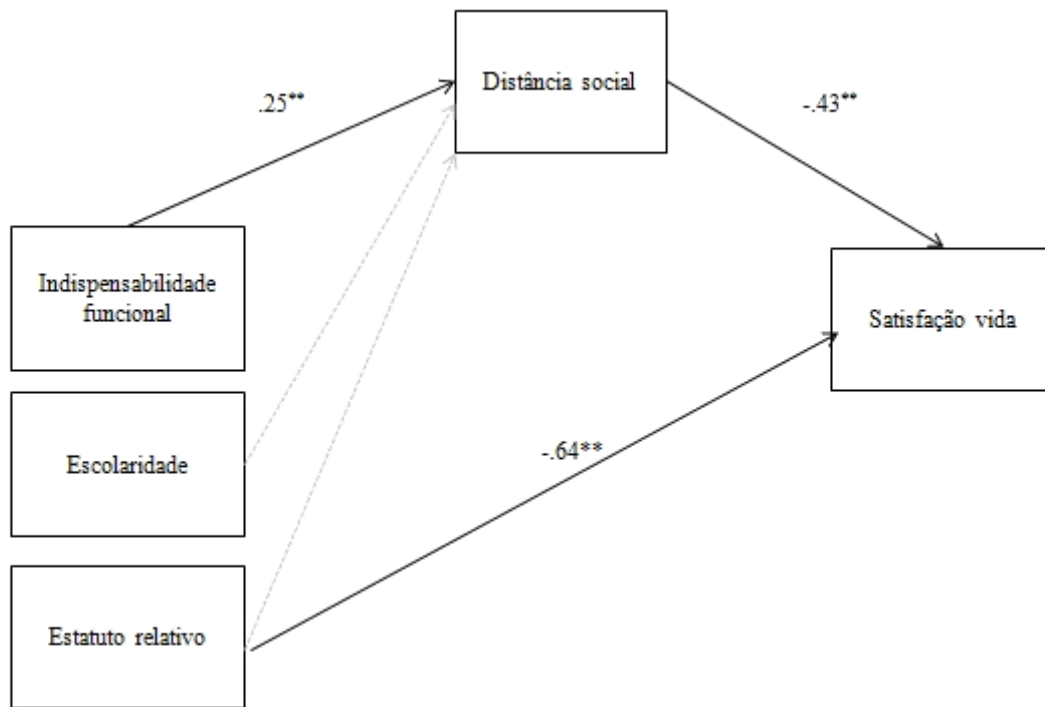


Figura 4.2. Modelo de mediação: satisfação com a vida

4.6.2 Adaptação relacional. Os resultados revelaram também que a indispensabilidade funcional percebida pelos imigrantes Portugueses em Angola está positivamente associada com a distância social ($B = .25, p < .01$), que por sua vez se revelou negativamente correlacionada com o índice de adaptação relacional ($B = -.27, p < .01$). O efeito indireto da indispensabilidade funcional na adaptação relacional dos imigrantes Portugueses, através da distância social sentida face aos Angolanos, foi significativo ($B = -.07, CI [-0,1641, -0,0126]$). Ou seja, quanto mais os Portugueses se consideram indispensáveis ao funcionamento da sociedade Angolana, maior a distância social sentida face aos Angolanos, que por sua vez, se traduziu em níveis mais baixos de adaptação relacional. Contrariamente ao esperado, mas semelhante ao encontrado previamente

para a medida de satisfação com a vida, à aculturação não se revelou significativamente associada a nenhum dos três preditores e à adaptação relacional.

Tabela 4.3

Modelo de Mediação para a Adaptação Relacional

Preditores	M (Aculturação)			M (Distância Social)			Y (Adaptação relacional)		
	Coef.	SE	P	Coef.	SE	p	Coef.	SE	p
(X) Indisp. funcional	-.17	.54	.74	.25	.09	.01	-.06	.07	.39
(Cov) Escolaridade	-.40	1.25	.74	.30	.22	.16	-.50	.15	.00
(Cov) Estatuto Rel.	.47	.59	.43	-.01	.10	.90	-.11	.07	.11
Constante	17.57	3.49	.00	.91	.61	.14	6.12	.52	.00
M (Aculturação)	-	-	-	-	-	-	-.01	.01	.23
M (Dist. Social)	-	-	-	-	-	-	-.27	.08	.00

Nota: Efeitos condicionais indiretos. Os valores apresentados são coeficientes de regressão não estandardizados

De salientar ainda, que a escolaridade, mas não o estatuto relativo, revelou um efeito direto na adaptação relacional ($B=-.50, p<.01$). Tal como previsto (H3) quanto mais elevada à escolaridade dos imigrantes Portugueses em Angola, mais difícil a sua adaptação relacional, como já referido anteriormente.

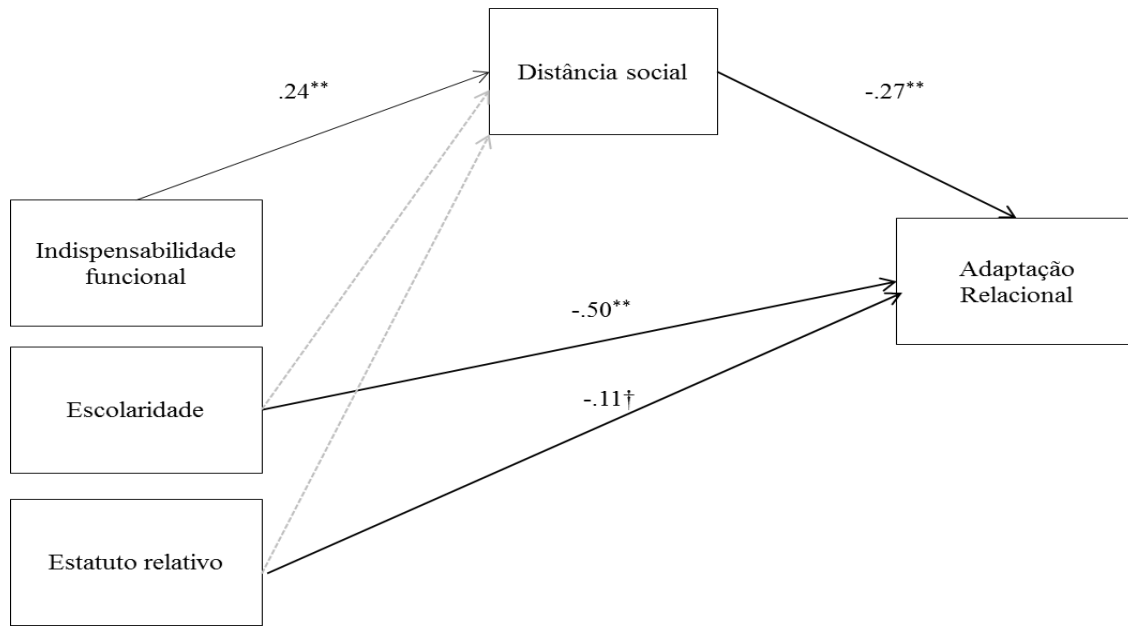


Figura 4.3. Modelo de mediação: adaptação relacional.

4.6.3 Adaptação comportamental. Relativamente à dimensão de adaptação comportamental, o modelo não apresentou resultados diretos ou indiretos significativos.

Tabela 4.4

Modelo de Mediação para a Adaptação Comportamental

Preditores	M (Aculturação)			M(DistânciaSocial)			Y (Adaptação Comportamental)		
	Coef.	SE	p	Coef.	SE	p	Coef.	SE	p
(X) Indisp. funcional	-.17	.54	.74	.24	.09	.01	-.03	.09	.69
(Cov) Escolaridade	-.40	1.25	.74	.30	.22	.16	-.36	.20	.08
(Cov) Estatuto Rel.	.47	.59	.43	-.01	.10	.90	-.14	.09	.15
Constant	17.57	3.49	.00	.91	.61	.14	4.51	.70	.00
M1 (Aculturação)	-	-	-	-	-	-	-.02	.02	.15
M2 (Dist. Social)	-	-	-	-	-	-	-.14	.11	.22

Nota: Efeitos condicionais indiretos. Os valores apresentados são coeficientes de regressão não estandardizados

Capítulo V - Discussão

A literatura sobre aculturação tem-se centrado fundamentalmente na análise das estratégias de manutenção de cultura e/ou adoção da cultura de acolhimento adotadas pelos imigrantes, assim como nas consequências psicossociais dessas estratégias na sua adaptação. No entanto, estudos recentes salientam a importância de explorar novos fatores que possam influenciar essas escolhas e preferências. Esta dissertação procurou contribuir para esta nova vertente do estudo da aculturação, explorando o processo de aculturação e adaptação de imigrantes em um cenário pautado por um passado colonial. Este é um contexto ainda pouco explorado na literatura da aculturação e que devido às suas especificidades, tem sido apontado como um cenário relevante para se avaliarem as preferências de aculturação adotadas pelos grupos em contato, assim como as suas consequências em termos de adaptação e bem-estar (Berry et al., 1992; Cheung-Blunden & Juang, 2008). Assim, voltamos nosso olhar para Angola, no intuito de explorar o processo aculturativo de imigrantes Portugueses em Angola, assim como o seu relacionamento com a sociedade de acolhimento. Nosso primeiro objetivo foi explorar se as alterações no estatuto dos Portugueses (i.e., não mais na posição de colonizadores com controle de recursos, mas como imigrantes em busca de melhores oportunidades laborais) se relaciona com as estratégias de aculturação e a adaptação destes imigrantes em Angola. Alinhados com estudos recentes, que procuram fatores que antecedem as estratégias de aculturação, também exploramos o impacto da indispensabilidade funcional, de forma a investigar se o fato dos imigrantes Portugueses se perceberem como indispensáveis ao funcionamento econômico e social de Angola, afeta as suas estratégias da aculturação e atitudes face aos Angolanos.

Relativamente ao impacto das alterações no estatuto socioeconômico dos Portugueses em Angola, inversamente à nossa hipótese (H1), a percepção do estatuto relativo não esteve relacionada com a aculturação, nem com as suas subdimensões (i.e., manutenção de cultura e desejo de contato). Porém, nossos resultados evidenciaram que a percepção do estatuto relativo esteve associada a algumas das consequências do processo aculturativo (i.e., adaptação relacional, satisfação com a vida), confirmando parcialmente H1. Concretamente, os nossos resultados mostraram que, quanto mais os Portugueses percebem o estatuto socioeconômico atual do seu grupo, como inferior ao do passado, maior é a dificuldade em se relacionarem com os

Angolanos (i.e., sociedade de acolhimento). Os resultados vão no mesmo sentido em relação à satisfação com a vida, ou seja, quanto maior é a percepção de perda de estatuto socioeconômico do seu grupo na atual conjuntura, mais os imigrantes Portugueses se sentem insatisfeitos com a vida no contexto Angolano. Estudos futuros podem explorar novos mecanismos psicológicos que expliquem este impacto negativo do estatuto relativo na adaptação dos imigrantes em contextos com passado colonial. Por exemplo, explorar se emoções como a culpa, raiva ou a vergonha sentidas face ao passado colonial e às guerras civis que se seguiram, podem explicar parcialmente estes resultados. A simples referência ao estatuto passado dos Portugueses em Angola pode ter ativado nos participantes uma reação emocional ao passado colonial, que se refletiu negativamente no grau de adaptação e bem-estar reportados.

Relativamente à indispensabilidade, e contrariamente ao esperado (H2), os resultados não revelaram uma associação significativa entre a percepção de indispensabilidade e as estratégias de aculturação adotadas pelos imigrantes Portugueses em Angola. Ou seja, apesar dos Portugueses se percepcionarem como indispensáveis para a economia e o funcionamento da sociedade angolana, isso não influenciou diretamente a forma com que eles decidem se aculturar na ex-colônia. Esse resultado é contrário a estudos anteriores (Guerra et al., 2013), no quais a indispensabilidade funcional esteve associada positivamente às estratégias de aculturação de imigrantes em Portugal, nomeadamente, a atitudes mais integrativas. De acordo com nossos resultados, apenas a distância social e a identificação nacional, estiveram significativamente associadas com a percepção de indispensabilidade funcional. Dessa forma, os resultados salientam que, quanto mais os Portugueses estão fortemente identificados como seu grupo nacional, mais se percebem como uma parte indispensável ao funcionamento social e econômico da sociedade Angola. Também contrariamente ao esperado, e encontrado em estudos anteriores (e.g., Guerra et al., 2015) quanto mais os Portugueses se percebiam como indispensáveis ao funcionamento económico e social de Angola maior era o seu desejo de distanciamento face ao grupo maioritário (i. e., Angolanos), na sociedade de acolhimento.

Apesar dos resultados correlacionais não serem os esperados, foi possível explorar de que forma a indispensabilidade funcional e o estatuto relativo influenciaram a adaptação sociocultural dos Portugueses em Angola. Concretamente, os nossos resultados mostraram que o efeito negativo da indispensabilidade funcional na adaptação relacional e na satisfação com a vida se

deve, em parte, à distância social sentida pelos imigrantes Portugueses face à sociedade de acolhimento. Contrariamente ao esperado, a aculturação não surgiu como um mecanismo relevante neste processo, já que não esteve relacionada nem com a indispensabilidade nem com a adaptação e o bem-estar.

Por fim, salientar ainda os resultados encontrados sobre o impacto da escolaridade na adaptação e no bem-estar dos imigrantes. Ao comparar, por exemplo, o processo de adaptação relacional entre imigrantes menos escolarizados e mais escolarizados observamos que os mais escolarizados enfrentam mais dificuldades em se relacionarem com os Angolanos que os menos escolarizados. Esse resultado pode ser interpretado levando em consideração o que postula o Paradoxo da Integração. De acordo com o paradoxo, imigrantes com elevado nível educacional, apesar de adotarem atitudes mais integrativas, percebem índices de discriminação, tanto no aspecto individual quanto grupal, o que como consequência faz com que se voltem para o seu próprio grupo (Doorn et al., 2013). No presente estudo não medimos as percepções de discriminação dos Portugueses em Angola, não podendo por isso testar esta hipótese. No entanto, estudos futuros poderiam considerar esta variável para melhor compreender o que parece ser consistente com os resultados de trabalhos anteriores sobre o paradoxo da integração. De salientar ainda, que dado o passado colonial e a história de guerra entre os grupos, a variável de percepção de discriminação por parte da sociedade de acolhimento pode ser particularmente relevante.

5.1 Limitações e conclusão

É latente a necessidade de mais estudos no sentido de se compreender a dinâmica que envolve os processos de aculturação em sociedades com contextos tão específicos, como o pós-colonial. Esta investigação contribui para a crescente literatura que busca identificar tais especificidades. No entanto, assim como em todos os trabalhos de investigação, o nosso estudo possui várias limitações. A primeira limitação metodológica, e sem dúvida a mais importante, deve-se ao tamanho da amostra, que se revelou significativamente mais reduzida do que o previsto, tendo por isso limitado o poder das correlações testadas. Acreditamos que o fato dos Portugueses se sentirem desconfortáveis em serem apontados como imigrantes (i.e., fato mencionado por vários participantes), assim como a percepção da perda de estatuto por grande parte dos respondentes tenham sido os principais fatores para o elevado índice de abstenção nas

respostas. Como recomendação para pesquisas posteriores, sugerimos a utilização de outros termos (e.g., expatriados) ou até mesmo omitir qualquer referência a classificações migratórias que podem ser percebidas como estigmatizantes para os participantes especialmente em contextos marcados por complexos processos históricos, como o contexto explorado nesse estudo. Apesar das redes sociais terem sido a forma mais viável dentro das limitações geográficas do nosso objeto de estudo (i.e., Portugueses a viver e trabalhar em Angola), reconhecemos que o acesso a participantes apenas através desta ferramenta limitou ou pode até mesmo ter enviesado os resultados, já que apenas as pessoas mais ligadas a Portugal e identificadas com o país de origem podem tender a utilizar os grupos de imigrantes e expatriados das redes sociais. Ou seja, a nossa amostra, pode ser composta maioritariamente por imigrantes muito identificados com a cultura de origem e não se generalizar aos imigrantes Portugueses em geral em Angola. Estudos futuros deveriam complementar a recolha de dados neste formato com recolha de dados em papel e com participantes não envolvidos nestes grupos online. Por fim, como sugerido anteriormente, estudos futuros deviam também ampliar o leque de medidas usadas, incluindo emoções intergrupais (e.g., raiva, culpa, vergonha), percepção de discriminação entre outros.

Apesar da natureza correlacional do estudo, da pequena dimensão da amostra recolhida, e do conseqüente cuidado com que devem ser lidos, os nossos resultados estão em linha com a falta de unanimidade nos estudos desenvolvidos até aqui sobre os efeitos da indispensabilidade nas relações intergrupais, e a necessidade de mais investigações no que se refere ao impacto da indispensabilidade no relacionamento entre grupos. Até à data, os estudos sobre a indispensabilidade têm apresentado diferentes conclusões. Nos primeiros estudos, a percepção da indispensabilidade relativa foi associada a conseqüências negativas, aumentando o enviesamento endogrupal (Tseung-Wong & Verkuyten, 2010; Verkuyten & Khan, 2012). Estudos posteriores encontraram resultados mais positivos, centrando-se na indispensabilidade percebida do exogrupo, (Guerra et al., 2015; Verkuyten et al., 2014), evidenciando contextos em que a percepção da indispensabilidade produziu atitudes positivas entre os grupos. No entanto, são necessários mais estudos para clarificar estes efeitos inconsistentes, nomeadamente manipulando experimentalmente a indispensabilidade percebida tanto do ponto de vista do endogrupo como do exogrupo, explorando novos mediadores que expliquem os efeitos negativos/positivos da indispensabilidade, e ainda alargar os contextos sociais e nacionais onde os estudos têm sido

realizados, já que podem existir características específicas da relação entre os grupos que condicionem os efeitos da indispensabilidade nas relações intergrupais (i.e., moderadores).

Concluimos dessa forma, que apesar do caráter exploratório do presente estudo, é possível afirmar que o passado colonial, assim como a trajetória migratória dos dois grupos em contato ao longo dos séculos, são fatores importantes para a compreensão do processo aculturativo e da adaptação de imigrantes Portugueses em Angola na atualidade. Os nossos resultados também evidenciaram a importância de preditores como a escolaridade e a indispensabilidade funcional, e suas implicações nas atitudes e comportamento dos imigrantes na sociedade de acolhimento. Esses resultados são particularmente importantes, uma vez que alargam a escassa literatura da aculturação em contextos com histórico colonial, assim como a também recente literatura da indispensabilidade e seus efeitos na avaliação entre grupos.

Bibliografia

- Aycan, Z., & Berry, J. W. (1996). Impact of employment-related experiences on immigrants' psychological well-being and adaptation to Canada. *Canadian Journal of Behavioral Science/Revue canadienne des sciences du comportement*, 28(3), 240.
- Bemak, F., & Chung, R. C-Y. (2008). Counseling refugees and migrants. In P.B. Pedersen, J.G. Draguns, W.J. Lonner, & J.E. Trimble (Eds.), *Counseling across cultures* (6th ed., pp. 307-324). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Berry, J. W. (1980). Acculturation as varieties of adaptation. *Acculturation: Theory, models and some new findings*, 9-25.
- Berry, J. W., Kim, U., Minde, T., & Mok, D. (1987). Comparative studies of acculturative stress. *International Migration Review*, 21(3), 491-511.
- Berry, J. W., Poortinga, Y. H., Segall, M. H., & Dasen, P.R. (1992). *Cross-Cultural psychology: Research and applications*. New York: Cambridge University Press.
- Berry, J. W. (1997). Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied psychology: An International Review*, 46(1), 5-68.
- Berry, J. W. (1999). Intercultural relations in plural societies. *Canadian Psychology*, 40, 12-21.
- Berry, J. W., Poortinga, Y. H., Segall, M. H., & Dasen, P. R. (2002). Acculturation and intercultural relations. *Cross cultural psychology*, 345-383.
- Berry, J. W. (2005). Acculturation: Living successfully in two cultures. *International journal of intercultural relations*, 29(6), 697-712.
- Berry, J. W. (2006). Mutual attitudes among immigrants and ethnocultural groups in Canada. *International Journal of Intercultural Relations*, 30, 719-734
- Binder, J., Zagefka, H., Brown, R., Funke, F., Kessler, T., Mummendey, A., Maquil, A., Demoulin, S., & Leyens, J. P. (2009). Does Contact Reduce Prejudice or Does Prejudice Reduce Contact? A Longitudinal Test of the Contact Hypothesis Among Majority and Minority Groups in Three European Countries. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96,(4), 843-856, 843-856. doi: 10.1037/a0013470.
- Bourhis, R. Y., Moise, L. C., Perreault, S., & Senecal, S. (1997). Towards an interactive acculturation model: A social psychological approach. *International Journal of Psychology*, 32 (6), 369-389
- Bourhis, R.Y., Moise, L.C., Perreault, S. & Senecal, S. (1997a). Towards an Interactive Acculturation Model: A Social Psychological Approach. *International Journal of Psychology*, 32, 369-386.
- Boyd, M., & Derrick T. (2002). "Skilled Immigrant Labour: Country of Origin and the Occupational Locations of Male Engineers", *Canadian Studies in Population* 29(1): 71-99.
- Brown, R., & Zagefka, H. (2011). The Dynamics of Acculturation: An Intergroup Perspective. In M. P. Zanna & J. M. Olson (Eds.) *Advances in experimental social psychology*. (Vol. 44, pp.129-184). San Diego, CA: Elsevier Academic Press.

- Campbell, D. T. (1965). Ethnocentric and other altruistic motives. In D. Levine (Ed.), *Nebraska symposium on motivation* (pp.283–301). Lincoln: University of Nebraska Press.
- Castro F. G., Murray K. E. (2010). Cultural adaptation and resilience: Controversies, issues, and emerging models. In: Reich J. W., Zautra A. J., Hall J. S., editors. *Handbook of adult resilience*. New York, NY: The Guildford Press; 2010. pp. 375–403.
- Cheung-Blunden, V. L., & Juang, L. P. (2008). Expanding acculturation theory: Are acculturation models and the adaptiveness of acculturation strategies generalizable in a colonial context? *International Journal of Behavioral Development*, 32(1), 21-33.
- Choi, J. B., & Thomas M. (2008). Predictive factors of acculturation attitudes and social support among Asian immigrants in the USA. *International Journal of Social Welfare*, 18, 76-84
- Curran, M. J. (2003). *Across the water - the acculturation and health of Irish people in London*. Dublin: Trinity College, and Allen Library.
- David, E. J. R., & Nadal, K. L. (2013). The colonial context of Filipino American immigrants' psychological experiences. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 19(3), 298.
- Diener, E. D., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of personality assessment*, 49(1), 71-75.
- van Doorn, M., Scheepers, P., & Dagevos, J. (2013). Explaining the integration paradox among small immigrant groups in the Netherlands. *Journal of International Migration and Integration*, 14(2), 381-400.
- Esses, V. M., Brochu, P. M., & Dickson, K. R. (2012). Economic costs, economic benefits, and attitudes toward immigrants and immigration. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, 12(1), 133-137.
- Gordon, M. (1964). *Assimilation in American life: The role of race, religion and national origins*. Oxford University Press.
- Guerra, R., António, R., Deegan, M., & Gaertner, S. L. (2013, December). Do we need them? Are we indispensable? How inclusive national identities impact majority and minority groups. Paper presented at the meeting Doing Citizenship in Multi-Cultural and Multi-Faith Societies, Kingston University London.
- Guerra, R., Gaertner, S. L., António R., Deegan, M. (2015 in press). Do we need them? When immigrant communities are perceived as indispensable to national identity or functioning of the host society. *European Journal of Social Psychology*
- Guide, A. M. (2007). *TPA: Modelo de TV Pública d Angola*. Dissertação (Pré-requisito para Mestrado em Ciências das Comunicações). São Paulo. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- Hayes, A. F. (2013). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach*. Guilford Press.
- Leach, C. W., van Zomeren, M., Zebel, S., Vliek, M. L., Pennekamp, S. F., Doosje, B., & Spears, R. (2008). Group-level self-definition and self-investment: a hierarchical (multicomponent) model of in-group identification. *Journal of personality and social psychology*, 95(1), 144-165.

- Liebkind, K. (2001). Acculturation. In R. Brown & S. Gaertner (Eds.), *Blackwell handbook of social psychology* (Vol. 4, pp. 387-405). Oxford: Blackwell.
- Linhares, M. Y. (1993). *A Luta contra a metrópole Ásia e África: 1945-1975*. São Paulo: Brasiliense.
- López-Rodríguez, L., Zagefka, H., Navas, M., & Cuadrado, I. (2014). Explaining majority members' acculturation preferences for minority members: A mediation model. *International Journal of Intercultural Relations*, 38, 36-46.
- Louis, W. R., Esses, V. M., & Lalonde, R. N. (2013). National identification, perceived threat, and dehumanization as antecedents of negative attitudes toward immigrants in Australia and Canada. *Journal of Applied Social Psychology*, 43(S2), E156-E165.
- Machado, F. L. (1997). Contornos e Especificidades da imigração em Portugal. *Sociologia Problemas e Práticas*, (24), 9-44.
- Melo, R., (2004). Sentir Angola no coração: um reflexo sobre a angolanidade em Portugal. In *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, Portugal*. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel43/Rosa_Melo.pdf.
- Mummendey, A., & Wenzel, M. (1999). "Social discrimination and tolerance in intergroup relations: Reactions to intergroup difference." *Personality and Social Psychology Review* 3 (2) 158-174.
- Neto, F. (1993). The satisfaction with life scale: Psychometrics properties in an adolescent sample. *Journal of Youth and Adolescence*, 22(2), 125-134.
- Neto, F. (2002). Acculturation strategies among adolescents from immigrant families in Portugal. *International Journal of Intercultural Relations*, 26(1), 17-38.
- Ng Tseung-Wong, C., & Verkuyten, M. (2010). Intergroup evaluations, group indispensability, and prototypical judgments: A study in Mauritius. *Group Processes & Intergroup Relations*, 13, 621-638.
- Organista, P. B., Marin, G., & Chun, K. M. (2010). *The psychology of ethnic groups in the United States*. Sage. (Cap.4, pp. 99 a 130).
- Peixoto, J. (2004). País de emigração ou país de imigração? Mudança e continuidade no regime migratório em Portugal. SOCIUS Working paper. Disponível em: <http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/wp/wp200402.pdf>
- Peixoto, C. B. T. (2009). Limites do Ultramar Português possibilidades para Angola: o debate político em torno do problema colonial (1951–1975). *Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em História. Niterói. Universidade Federal Fluminense*.
- Piontkowski, U., Rohmann, A., & Florack, A. (2002). Concordance of acculturation attitudes and perceived threat. *Group processes & intergroup relations*, 5(3), 221-232.
- Redfield, R., Linton, R., & Herskovits, M. J. (1936). Memorandum for the study of acculturation. *American anthropologist*, 38(1), 149-152.
- Ribeiro, N., Menezes, I., Neves, T. (2010). "Opportunities and constraints, for civic and political engagement of young immigrants: The case of Angolans in Portugal" In 12th Biennial

- Conference of the European Association of Research on Adolescents, Vilnius, Lithuania.
[Disponível em http://epubs.surrey.ac.uk/2569/1/Porto_1_New.pdf](http://epubs.surrey.ac.uk/2569/1/Porto_1_New.pdf)
- Sam, D. L., & Berry, J. W. (2010). Acculturation: When individuals and groups of different backgrounds meet. *Perspectives on Psychological Science*, 5, 472-481.
- Sassen, S. (2002) “Será este o caminho? Como lidar com a imigração na era da globalização”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 64,41-54;
- Schwartz, S. J., Vignoles, V. L., Brown, R., & Zagefka, H. (2014). The identity dynamics of acculturation and multiculturalism: Situating acculturation in context. *Oxford handbook of multicultural identity*, 57-95.
- Searle, W., & Ward, C. (1990). The prediction of psychological and sociocultural adjustment during cross-cultural transitions. *International Journal of Intercultural Relations*, 14(4), 449-464
- Sherif, M. (1966). In common predicament: Social Psychology of intergroup conflict and cooperation. Boston: Houghton Mifflin.
- Souza, A. I. R., Silva, D. F. G., Dilman, M., Guedes, M. S., & Leite, S. C. (2011). Guerra civil e o desenvolvimento económico em Angola. *Revista de Economia, Anápolis*, (7), 2, p. 1-21
- Thurnwald, R. (1932). The psychology of acculturation. *American Anthropologist*, 34(4), 557-569.
- T.R.A. (2009, 10 de Outubro). Portugueses em Angola quadruplicam. *Jornal de Notícias*. Acedido em 8/10/2015. Disponível em http://www.jn.pt/paginainicial/nacional/interior.aspx?content_id=1165354
- Verkuyten, M., & Khan, A. (2012). Interethnic relations in Malaysia: Group identifications, indispensability, and common belonging. *Asian Journal of Social Psychology*, 16, 132-139.
- Verkuyten, M., Martinovic, B., & Smeekes, A. (2014). The multicultural jigsaw puzzle: Category indispensability and the acceptance of immigrants’ cultural rights. *Personality and Social Psychology Bulletin*. <http://dx.doi.org/10.1177/0146167214549324>.
- Vitorino, A. (2007). Imigração: oportunidade ou ameaça. *Recomendações do Fórum Gulbenkian Imigração. Estoril: Principia*.
- Zagefka, H., & Brown, R. (2002). The relationship between acculturation strategies, relative fit and intergroup relations: Immigrant-majority relations in Germany. *European Journal of Social Psychology*, 32, 171–188.
- Zagefka, H., Brown, R., Broquard, M., & Leventoglu Martin, S. (2007). Predictors and consequences of negative attitudes toward immigrants in Belgium and Turkey: The role of acculturation preferences and economic competition. *The British Journal of Social Psychology*, 46, 153–169.
- Zagefka, H., González, R., & Brown, R. (2011). How minority members' perceptions of majority members' acculturation preferences shape minority members' own acculturation preferences: Evidence from Chile. *British Journal of Social Psychology*, 50(2), 216-233.

- Zagefka, H., Tip, L. K., González, R., Brown, R., & Cinnirella, M. (2012). Predictors of majority members' acculturation preferences: Experimental evidence. *Journal of Experimental Social Psychology, 48*, 654-659.
- Zagefka, H., Binder, J., Brown, R., Kessler, T., Mummendey, A., Funke, F., & Maquil, A. (2014). The relationship between acculturation preferences and prejudice: Longitudinal evidence from majority and minority groups in three European countries. *European Journal of Social Psychology, 44*(6), 578-589.
- Ward, C. (1996). Acculturation. In D. Landis, & R. Bhagat (Eds.), *Handbook of intercultural training*, (2nd ed.) (pp. 124-147). Newbury Park: Sage.
- Ward, C., & Kennedy, A. (1999). The measurement of sociocultural adaptation. *International journal of intercultural relations, 23*(4), 659-677.
- Ward, C., Bochner, S., & Furnham, A. (2001). *The psychology of culture shock*. London: Routledge.

ANEXO A – Questionário

Por favor indique a sua idade:

- ≤16
- 16-25
- 26-35
- 36-45
- 46-65
- >65

Por favor indique o seu género:

- Masculino
- Feminino

Qual é o seu nível de escolaridade?

- Não sei
- Não sabe ler nem escrever/sem grau de ensino
- 4º ano (ou menos)
- 6º ano
- 12º ano
- Bacharelato
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

Situação profissional:

- Empregado/a
- Desempregado/a. Indique há quanto tempo: _____

Profissão:

Há quanto tempo exerce esta função?

Nasceu em Portugal?

- Sim
- Não

Qual é a sua nacionalidade?

- Portuguesa
- Outra. Qual? _____

Nacionalidade do pai:

- Portuguesa
- Outra. Qual? _____

Nacionalidade da mãe:

- Portuguesa
- Outra. Qual? _____

Actualmente vive em Angola? </p>

- Sim
- Não

Se não,

Há quanto tempo deixou o país?

Quanto tempo viveu em Angola?

Há quanto tempo vive em Angola?

- ≤1 ano
- 2-3 anos
- 4 -5 anos
- >5 anos

Planeia ficar em Angola?

- Sim. Indique durante quanto tempo: _____
- Não

Com qual destes grupos MAIS se identifica (escolha apenas 1):

- Portugueses de origem portuguesa
- Portugueses de origem angolana
- Portugueses de origem africana
- Portugueses de origem brasileira
- Portugueses
- Angolanos
- Outro, por favor seja específico: Qual _____

Responda o mais honestamente possível, e lembre-se que todas as suas respostas são confidenciais

Pense nos Portugueses e Angolanos em geral. Escolha a opção com que mais concorda

Independentemente de se justificar ou não, hoje em dia, o estatuto dos Portugueses em Angola é:

- Muito inferior aos Angolanos
- Inferior ao dos Angolanos
- Igual ao dos Angolanos
- Superior ao dos Angolanos
- Muito superior ao dos Angolanos

Independentemente de se justificar ou não, no passado, o estatuto dos Portugueses em Angola era:

- Muito inferior aos Angolanos
- Inferior ao dos Angolanos
- Igual ao dos Angolanos
- Superior ao dos Angolanos
- Muito superior ao dos Angolanos

Independentemente de se justificar ou não, em termos de estatuto na sociedade Angolana, considera que:

- Os Portugueses têm um estatuto muito inferior ao dos Angolanos
- Os Portugueses têm um estatuto inferior ao dos Angolanos
- Os Portugueses têm um estatuto igual ao dos Angolanos
- Os Portugueses têm um estatuto superior ao dos Angolanos
- Os Portugueses têm um estatuto um muito superior ao dos Angolanos

Adaptação dos Imigrantes Portugueses em Angola

Indique quanto concorda com as seguintes afirmações	Discordo Totalmente 1	Discordo 2	Discordo em parte 3	Não concordo nem discordo 4	Concordo em parte 5	Concordo 6	Concordo Totalmente 7
Os Portugueses têm posições económicas influentes.	•	•	•	•	•	•	•
Economicamente, Angola precisa dos Portugueses	•	•	•	•	•	•	•
O futuro económico de Angola depende das contribuições dos Portugueses	•	•	•	•	•	•	•
Sem as contribuições dos Portugueses outras pessoas em Angola passariam dificuldades económicas.	•	•	•	•	•	•	•
Os Portugueses têm o tipo de empregos que os torna indispensáveis para a economia Angolana.	•	•	•	•	•	•	•
Os lucros da maioria das empresas em Angola dependem fortemente dos Portugueses como clientes.	•	•	•	•	•	•	•
Os Portugueses contribuem para a força da economia Angolana.	•	•	•	•	•	•	•
Se não fossem os Portugueses, muitas das inovações e invenções que levam a uma economia Angolana forte, não existiriam.	•	•	•	•	•	•	•
Sem os Portugueses, a economia Angolana seria muito mais fraca.	•	•	•	•	•	•	•

A maioria dos Portugueses tem empregos que são necessários para o funcionamento do sistema económico Angolano.

• • • • • • • •

Até que ponto é favorável a ter Angolanos como:

	Nada Favorável 1	Pouco Favorável 2	Nem favorável nem desfavorável 3	Favorável 4	Muito Favorável 5
Colegas de Turma	•	•	•	•	•
Professores	•	•	•	•	•
Vizinhos	•	•	•	•	•
Hóspedes	•	•	•	•	•
Sogros	•	•	•	•	•

Indique quanto concorda com as seguintes afirmações	Discordo Totalmente 1	Discordo 2	Não concordo nem discordo 3	Concordo 4	Concordo Totalmente 5
Eu acho que é importante que os Portugueses em Angola mantenham a sua cultura.	•	•	•	•	•
Eu acho que é importante que os Portugueses em Angola mantenham a sua própria religião, linguagem e vestuário.	•	•	•	•	•
Eu acho que é importante que os Portugueses em Angola mantenham a sua própria forma de vida.	•	•	•	•	•
Eu acho que é importante que os Portugueses em Angola tenham amigos Angolanos.	•	•	•	•	•
Eu acho que é importante que os Portugueses em Angola também passem algum tempo com Angolanos.	•	•	•	•	•

Em Angola, quão difícil é para si :	Nada difícil 1	2	3	4	Extremamente difícil 5
Entender o sistema de valores local.	•	•	•	•	•
Entender a visão do mundo dos locais.	•	•	•	•	•
Ver as coisas do ponto de vista dos locais.	•	•	•	•	•
Compreender as diferenças culturais.	•	•	•	•	•
Assumir a cultura através da perspectiva local.	•	•	•	•	•
Fazer amigos.	•	•	•	•	•
Ser capaz de ver os dois lados de uma questão intercultural.	•	•	•	•	•
Relacionar-se com familiares.	•	•	•	•	•
Fazer-se entender.	•	•	•	•	•
Comunicar com pessoas de um grupo étnico diferente.	•	•	•	•	•
Relacionar-se com pessoas do sexo oposto.	•	•	•	•	•
Compreender o sistema político local.	•	•	•	•	•
Lidar com pessoas de autoridade.	•	•	•	•	•
Lidar com pessoas que o observam atentamente.	•	•	•	•	•
Lidar com alguém que é desagradável.	•	•	•	•	•
Lidar com serviços insatisfatórios.	•	•	•	•	•
Lidar com burocracia.	•	•	•	•	•

Adaptação dos Imigrantes Portugueses em Angola

O ritmo de vida local.	•	•	•	•	•
Encontrar comida que goste.	•	•	•	•	•

Indique quanto concorda com as seguintes afirmações. Procure ser sincero nas respostas que vai dar

	Discordo Totalmente 1	Discordo 2	Discordo Ligeiramente 3	Não concordo nem discordo 4	Concordo Ligeiramente 5	Concordo 6	Concordo Totalmente 7
Em muitos aspectos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais.	•	•	•	•	•	•	•
As minhas condições de vida são excelentes.	•	•	•	•	•	•	•
Estou satisfeito com a minha vida.	•	•	•	•	•	•	•
Até agora, consegui obter aquilo que era importante na vida.	•	•	•	•	•	•	•
Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada.	•	•	•	•	•	•	•

Quanto concorda com cada uma das seguintes afirmações?	Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente			
	1	2	3	4	5			
12.1 Ser Português é um reflexo importante de quem eu sou.				1	2	3	4	5
12.2 Eu tenho laços fortes com outros Portugueses.				1	2	3	4	5
12.3 Tenho um forte sentido de pertença aos Portugueses.				1	2	3	4	5
12.4 O meu destino está ligado ao destino de outros Portugueses.				1	2	3	4	5
12.5 No geral, ser Português é uma parte importante da minha auto-imagem.				1	2	3	4	5